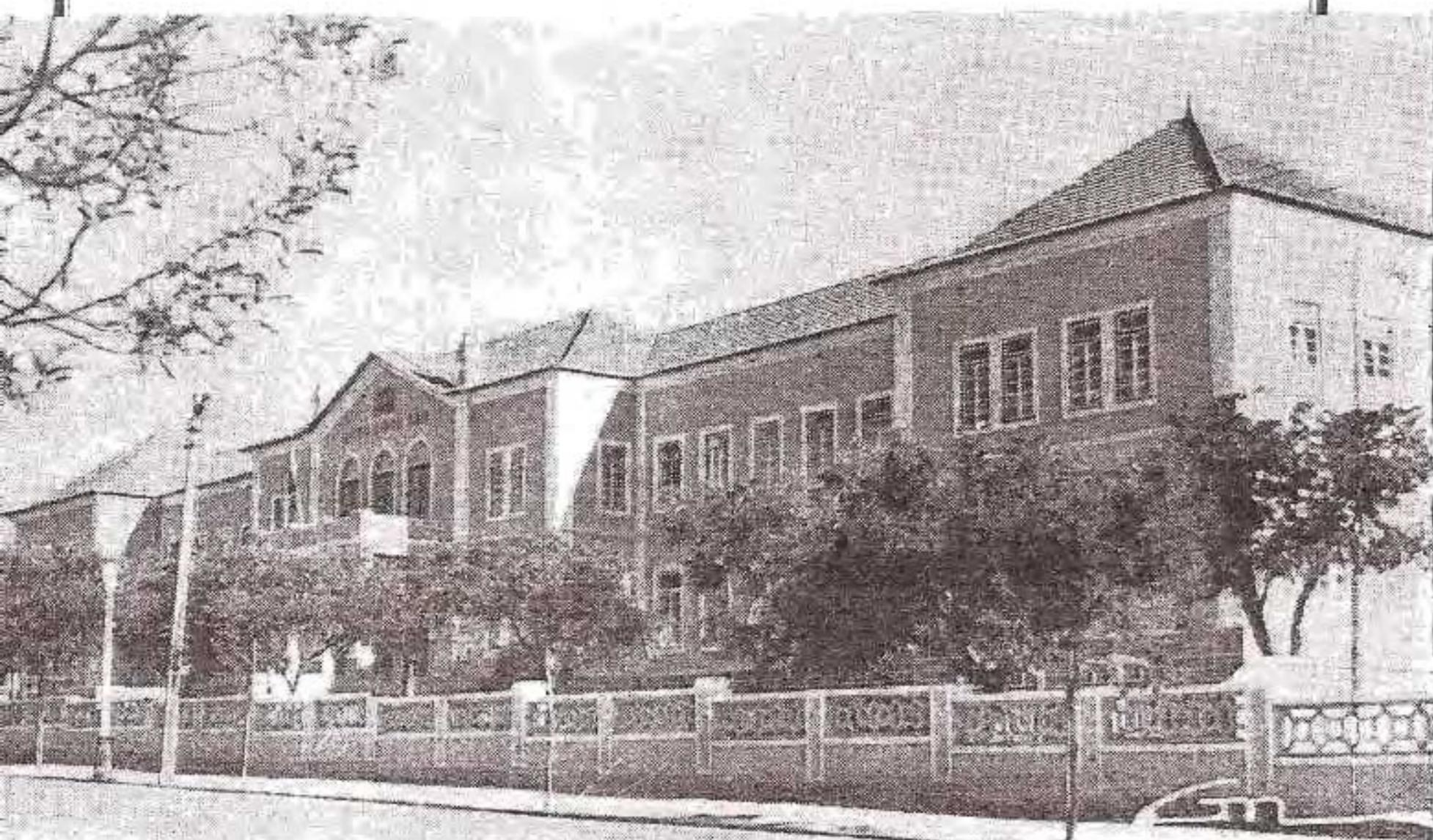


ANUÁRIO

DO

Liceu «Diogo Cão»

(1958-1959)



ELABORADO POR

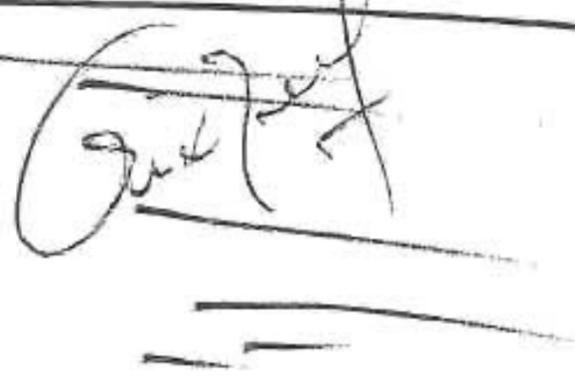
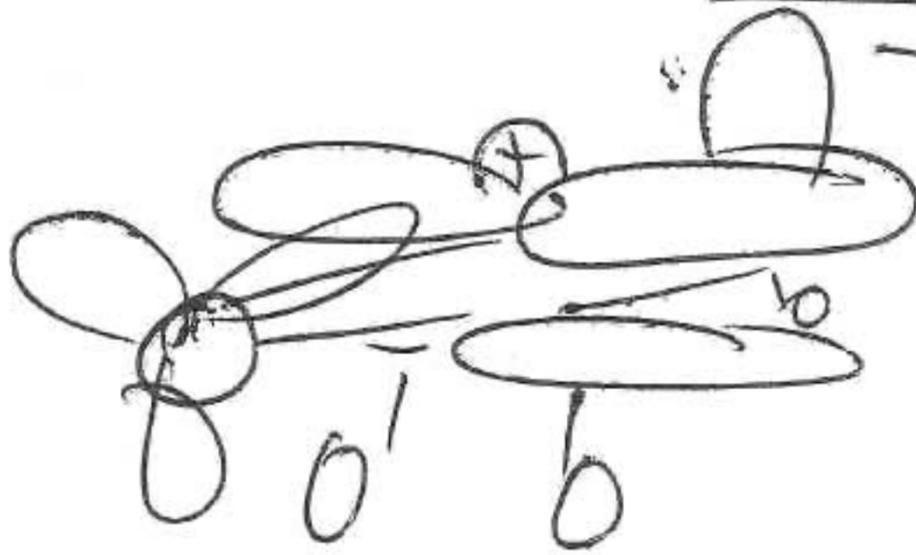
FERNANDO FALCÃO MACHADO

REITOR DO LICEU

Antônio

ANUÁRIO
DO
LICEU «DIOGO CÃO»

Cristóvão Rocha Carreira



ANUÁRIO

DO

LICEU «DIOGO CÃO»

(1958-1959)

ELABORADO POR
FERNANDO FALCÃO MACHADO
REITOR DO LICEU

1960
GRÁFICA DA HUÍLA, LDA.
SÁ DA BANDEIRA

INTROITO

Coube ao Liceu «Diogo Cão» a honra de ter publicado, em 1946, o primeiro «Anuário» dum Liceu de Angola.

Elaborou-o o Vice-Reitor em exercício, Sr. Dr. Rafael Ávila de Azevedo; subsidiou-o a Junta da Província da Huíla; facilitou-o o Sr. Dr. Cruz Malpique, que chefia-va os Serviços de Instrução.

Até hoje não voltou a publicar-se nenhum outro anuário neste Liceu. O que se publica hoje deve-se a uma proposta do Vice-Reitor, Sr. Dr. Leandro Gomes de Mendonça, a um subsídio de S. Ex.^a o Senhor Inspector Hortênsio Estêvão de Sousa, Governador do Distrito da Huíla que, a assuntos do ensino, tem dedicado carinhoso interesse, e a facilidades concedidas pelo Ex.^{mo} Director Provincial dos Serviços de Instrução, Dr. Túlio Lopes Tomás.

Devia elaborar o presente «Anuário» o Sr. Dr. Leandro Gomes de Mendonça, que, todavia, pelos seus muitos que-fazeres, declinou o encargo.

Consigne-se, no entanto, que a ideia do «Anuário» foi de sua iniciativa.

Esta Reitoria perfilha as palavras do Introito do «Anuário de 1946»:

«Temos a esperança que o nosso esforço não seja em vão. Este «Anuário» será, em primeiro lugar, um elemento de propaganda do Liceu da Huíla, ainda mal conhecido na Metrópole, e, indirectamente, da região onde ele se estabeleceu; em segundo lugar, difundirá dados estatísticos necessários para ulteriores estudos sobre o ensino em Angola, principalmente no Sul, onde avulta a colonização europeia; em terceiro lugar, dará uma ideia da presente fase do desenvolvimento do Liceu.»

Da mesma forma, que nos sejam relevadas as faltas encontradas neste trabalho, consequências de dificuldades e obstáculos de natureza vária, impedientes da elaboração de mais perfeita obra.

Sá da Bandeira, Março de 1960.



Estudantes, professores e Director da Escola Primária Superior de «Artur de Paiva» em Sã da Bandeira, depois alunos, professores e Reitor do Liceu, em 1929

I — Legislação

O diploma legislativo n.º 40, de 6-IV-1929, extingue a Escola Primária Superior de Sá da Bandeira e cria, em sua substituição, o Liceu Nacional da Huíla.

Independentemente de diversa legislação que, a pouco e pouco, foi completando a estrutura do Liceu, há a mencionar, como diplomas importantes:

Portaria Provincial 1.498, de 28-IX-1934, que determina que o Liceu passe a denominar-se «Liceu Nacional de Diogo Cão».

Despacho de S. Excelência o Governador Geral, de 27-III-1954 mandando entregar aos Irmãos Maristas, o Internato do Liceu «Diogo Cão».

Portaria n.º 10.493, no B. O. n.º 48, de 29-XI-1958, que demarca a zona de influência pedagógica deste Liceu, atribuindo-lhe os distritos de Huíla e Moçâmedes.

II — Reitoria

Os professores que têm desempenhado os cargos de Reitores foram, desde a fundação do Liceu, os seguintes:

Luís de Sampayo Torres Fevereiro, de 1929 a 1933; Dr. Carlos Sotto Mayor Negrão, de 1933 a 1938; Dr. José Augusto Brilhante de Paiva, de 1938 a 1948; Dr. José de Sousa Ramalho Viegas, de 1948 a 1956; Dr. Aristides Gonçalves, de 1956 a 1958; Fernando Falcão Machado, de 1958 até ao presente.

III — Corpo Docente

Passaram pelo Liceu «Diogo Cão» numerosos professores, alguns deles dos mais distintos do ensino liceal, e da vida cultural da Nação.

Publica-se a lista deles, e, para os que foi possível, o ano de posse, o concelho da naturalidade, o ano do nascimento e a actividade profissional:

Adelino Santos Diniz (1938) — Professor do 7.º grupo

Afonso de Castilho (1936) — Moçambique — 1887 — engenheiro

D. Albertina Graciosa Margarido Lima (1946)

- Alberto de Almeida Coutinho Júnior (1954) — Mesão Frio — 1916 — Licenciado em Ciências Físico-Químicas*
- Alberto Damião Machado Cruz (1953) — Arcos do Vale do Vez — 1914 — Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas*
- Albino Augusto Ferreira (1955) — Freixo de Espada à Cinta — 1908 — Professor do 6.º grupo*
- Albino Fernandes de Sá (1948) — Esposende — 1921 — Curso teológico*
- Albino Martins de Sousa Fernandes (1956) — Paredes — 1906 — Curso teológico*
- Alexandre António Moura de Azevedo (1930) — Lisboa — 1899 — Capitão*
- Alexandre dos Santos Reis e Albuquerque (1939) — S. João da Pesqueira — Professor do 8.º grupo*
- Alfredo Caetano Damian (1954) — Rio Grande do Sul — 1926 — Bacharel em letras*
- Alfredo Lobo das Neves (1929) — Porto — 1879 — Médico*
- Alvaro Mário da Fonseca Santos (1955) — Porto — 1875 — Frequência de Teologia*
- D. Ana Maria Miranda Lemos Lopes da Silva Carvalho (1959) — Lubango — 1938 — Curso liceal*
- Anibal da Encarnação Rodrigues (1947) — Bragança — 1905 — Professor do 8.º grupo*
- António André Rodrigues (1929) — Macedo de Cavaleiros — Tenente Coronel*
- António José de Almeida Pereira (1937) — Engenheiro*
- António Luís Gonçalves (1939) — Almeida — 1909 — Padre*
- António Manuel de Jesus Machado de Barros Aguiar (1938) — Arcos do Vale do Vez — 1897 — Professor do 8.º grupo*
- António Salvador Martinho Araújo Noronha (1956) — Quelimane — 1928 — Padre*
- António Simões (1946) — Proença-a-Nova — 1913 — Professor do 5.º grupo*
- Aristides Augusto Loureiro (1957) — Aveiro — 1932 — Curso liceal*
- Aristides Gonçalves (1956) — Penalva do Castelo — 1911 — Professor do 3.º grupo*
- Arnaldo Joaquim Correia (1942) — Macedo de Cavaleiros — 1904 — Médico — Curso de Educação Física*
- Arnaldo Pita Simões (1938) — Lisboa — 1896 — Curso do Conservatório Nacional*
- Artur Augusto Tabora de Moraes (1953) — Mirandela — 1900 — Licenciado em Ciências Biológicas*
- Aurélio Dias Ferreira (1946)*
- D. Berta de Beja (1956) — Nelas — 1914 — Licenciada em Filologia Germânica*
- Carlos Eduardo Bastos Soveral (1949) — Lisboa — 1920 — Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas*
- Carlos Estermann (1946) — Ilfourte-Alsácia — 1895 — Padre*
- Carlos Rodrigues Martins (1955) — Lisboa — 1914 — Engenheiro*
- Carlos Santos Paiva Júnior (1939) — Lisboa — 1905 — Professor do 4.º grupo*
- Carlos Sotto Mayor Negrão (1933) — Baião — 1888 — Curso da Faculdade de Letras*
- Carlos Wenceslau Frazão Sardinha (1958) — Funchal — 1892 — Engenheiro*
- Custódio Pereira Gomes (1945) — Advogado*
- D. Dilma Blanc Nogueira Vilas Boas de Almeida Abreu (1953) — Porto — 1913 — Curso do Conservatório de Música do Porto*
- D. Elsa Maria Vieira Branco (1952) — Lourenço Marques — 1909 — Frequência de Direito*

- Emidio Landerset Cadima (1953)—Huambo—1927—Licenciado em Matemática*
Euclides Simões de Araújo (1948)—Sever do Vouga—1906—Professor do 7.º grupo
Fernando Falcão Machado (1958)—Coimbra—1904—Professor do 5.º grupo
Francisco José Henriques Cortês (1929) — 1894 — Capitão
Francisco Narciso Machado (1956)—Lubango—1905—Curso das Escolas Primárias Superiores
Francisco Sande e Lemos (1930)—Lagos—1888—Engenheiro
Gastão Adalberto Antunes de Sousa Dias (1929)—Chaves—1887—Capitão
D. Herminia Adelaide Martins Robert (1952)—Lisboa—1902—Professora do 2.º grupo
D. Irene de Jesus Moreira dos Santos Cadima (1954)—Lubango—1931—Licenciada em Matemática
D. Isaura Ramos de Matos (1953)—Sever do Vouga—1911—Professora do 2.º grupo
João Agostinho Teixeira Lucas (1943)—Montalegre—1904—Professor 1.º grupo
João dos Santos Torres (1937)—Capitão
Joaquim Fernandes dos Santos (1930)—Lubango—Advogado
Joaquim Pereira da Silva (1938)—Avintes — 1875 — Padre
Jorge do Carmo Vieira (1942)—1912—Tenente
Jorge Emilio de Melo Vieira (1932)—Engenheiro
José Amaral Espinha (1947)—Lubango—1917—Professor do 9.º grupo
José Antenor Hartmann (1954)—Rio Grande do Sul—1928—Escola Normal de Porto Alegre
José António Dentinho Júnior (1937)—Olhão—Professor do 2.º grupo
José Augusto Bettencourt Coelho (1959)—Angra do Heroísmo — 1920—Professor do 1.º grupo
José Augusto Brilhante de Paiva (1933) — Nazaré — 1905 — Professor do 3.º grupo
José Correia Durão Paias (1933)—1894—Capitão
José Dias dos Santos (1957) — Matozinhos—1925—Professor do 1.º grupo
José Lopes de Freitas (1945)—Chibia—1915—Veterinário
José Luís de Almeida Lavradio (1948)—Richmond—1912—Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas e em Direito
José Luis Mourão Vaz Osório (1938)—1907—Tenente
José Maria Caieiro (1932)—1888—Capitão
José Maria Marques de Miranda (1940) — Lubango — 1910 — Advogado
José de Sousa Gomes Pereira (1957)—Alcobaça—1910—Veterinário
José de Sousa Ramalho Viegas (1946) — Loulé — 1908 — Professor do 6.º grupo
D. Judite Maria Ascensão Pombo de Carvalho (1946)—Licenciada em Ciências Físico-Químicas
D. Júlia Cássia do Carmo Neves (1947) — Albufeira—1901 — Professora do 2.º grupo
Ladislau Pires dos Reis Granjeio (1957) — Gouveia — 1914—Curso de Química
Leandro Gomes de Mendonça (1939)—Machico—1903—Professor do 7.º grupo
Leopoldo Manuel Seabra de Sousa Gentil (1940)—1907—Tenente
D. Lidia Ribeiro de Carvalho Seabra (1956)

- Luis José Ryder da Costa (1934) — Barreiro — 1905 — Curso de violino
- Luis José Walter da Fonseca Vasconcelos Nobre (1939) — Porto — 1905 — Professor do 4.º grupo
- Luis Marques de Miranda (1931) — Comerciante
- D. Luisa Amélia Vitória Pereira Seia (1938) — Peniche — 1911 — Curso de Desenho
- D. Luisa Monteiro de Vasconcelos (1945) — Cidade da Praia — 1882 — Exames singulares do curso liceal
- Manuel Alcino Martins de Freitas (1958) — Sabrosa — 1936 — Frequência de Teologia
- Manuel Aleixo da Cunha (1951) — Funchal — 1904 — Professor do 6.º grupo
- Manuel da Cruz Malpique (1947) — Nisa — 1902 — Professor do 2.º grupo
- Manuel Geraldês Pereira (1950) — Belmonte — 1911 — Padre
- Manuel Higino Vieira (1945) — Câmara de Lobos — 1913 — Professor do 1.º grupo
- Manuel Nascimento Vieira (1934) — 1898 — Tenente
- Manuel Pinto de Miranda (1929) — Águeda — 1890 — Comerciante
- Manuel Roberto de Matos (1958) — Nisa — 1907 — Professor do 6.º grupo
- Manuel Viegas Guerreiro (1948) — Loulé — 1912 — Professor do 1.º grupo
- Manuel Vieira Moniz (1952) — Povoação-Açores — 1905 — Professor do 6.º grupo
- D. Margarida Adelaide Pinto (1949) — Lisboa — 1902 — Professora do 2.º grupo
- D. Maria Alice Pais Dias Antunes da Cunha (1957) — Pinhel — 1928 — Frequência de Ciências Económicas e Financeiras
- D. Maria Arlette da Mata e Sousa Jardim (1951) — Funchal — 1908 — Professora do 8.º grupo
- D. Maria da Ascensão Gomes (1952) — Celorico da Beira — 1898 — Professora do 3.º grupo
- D. Maria Augusta da Piedade Castel-Branco Vieira (1957) — Viana do Castelo — 1924 — Professora do 8.º grupo
- D. Maria Celeste de Sousa Ferreira (1957) — Lisboa — 1910 — Curso de Desenho
- D. Maria do Céu Carvalho Pires de Sousa Gomes (1959) — Luanda — 1938 — Curso liceal
- D. Maria Cornélia Tenreiro Teles Grilo Espinha (1948) — Lubango — 1915 — Licenciada em Farmácia
- D. Maria Eduarda Relvas Pires Camacho (1952) — Lisboa — 1917 — Curso liceal
- D. Maria Eugénia Andrade Nery Teixeira (1958) — Porto — 1930 — Licencianda em Ciências Históricas e Filosóficas
- D. Maria Francisca Alegre Vieira Gonçalves (1957) — Coimbra — 1913 — Frequência da Faculdade de Letras
- D. Maria Gabriela Costa Tavares (1957) — Lubango — 1931 — Licenciada em Ciências Físico-Químicas
- D. Maria Garcia da Franca Leal (1946)
- D. Maria Helena Pitté Arez (1953) — Lisboa — 1922 — Professora do 3.º grupo
- D. Maria José Duarte Estanislau (1950)
- D. Maria José de Sousa Nunes (1957) — Salvaterra de Magos — 1930 — Frequência de Medicina
- D. Maria Júlia Leite Linhares Duarte Carrilho (1945)
- D. Maria Lisette Júlia Gomes da Paz (1955) — Lubango — 1931 — Licenciada em Matemática

- D. Maria Luisa da Cruz Torres e Cerveira Baptista (1958) — Baixo Cunene — Curso liceal de educação física*
- D. Maria da Luz da Silva Pereira (1956) — Estarreja — 1923 — Professora do 3.º grupo*
- D. Maria Olímpia Carneiro Portela (1957) — Ilha do Príncipe — 1918 — Curso liceal*
- D. Maria Raulina Silva Figueiroa Amaral Nogueira (1956) — Porto — 1920 — Frequência de Ciências Históricas e Filosóficas*
- D. Maria da Soledade Cunha Galvão (1950) — Chaves — 1917 — Licenciada em Filologia Românica*
- Mário António da Cunha Mora (1949) — Pombal — 1899 — Professor do 8.º grupo*
- Mateus Martins Moreno Júnior (1935) — Faro — 1892 — Capitão*
- Octávio de Sousa Ferreira (1929)*
- Orlando Ribeiro de Santana (1958) — Bardez — 1917 — Padre*
- D. Palmira Monteiro da Fonseca (1953) — Lisboa — 1915 — Professora do 9.º grupo*
- Rafael Ávila de Azevedo (1938) — Angra do Heroísmo — 1911 — Professor do 2.º grupo*
- D. Regina Ribeiro de Albuquerque (1943) — Lisboa — 1907 — Professora do 8.º grupo*
- Ricardo Simões Nunes (1953) — Lubango — 1913 — Médico*
- Rogério de Paiva Cardoso (1932) — 1895 — Capitão*
- Rui Alberto Ferreira Dias Coimbra (1955) — Aveiro — 1930 — Curso do Conservatório Nacional e frequência de Filologia Românica*
- Sátiro da Costa Loureiro (1952)*
- Serafim Lopes Rodrigues (1930) — Engenheiro*
- Tarcísio Máximo (1958) — Rio Grande do Sul — 1921 — Marista*
- Vasco Manuel de Azevedo Coutinho (1956) — Felgueiras — 1924 — Licenciado em Matemática*
- D. Zélia Maria Gomes Rodrigues Fernandes (1957) — Lubango — 1924 — Curso liceal*

IV — Alunos (Frequência)

A frequência global do Liceu tem evoluído da seguinte maneira, a partir dos elementos consignados no anterior «Anuário» :

Anos	Alunos	Anos	Alunos
1946-47. . .	353	1953-54. . .	472
1947-48. . .	385	1954-55. . .	497
1948-49. . .	375	1955 . . .	618
1949-50. . .	375	1955-56. . .	588
1950-51. . .	401	1956-57. . .	563
1951-52. . .	383	1957-58. . .	539
1952-53. . .	398	1958-59. . .	526

O estudo destes números mostra ter-se atingido, em 1955, o que pode chamar-se o ponto máximo de frequência, que, depois, tem diminuído.

É difícil discriminar as causas desta diminuição.

A difusão do ensino técnico em Sá da Bandeira, Benguela e Nova Lisboa, a criação dos Liceus de Benguela e de Nova Lisboa, a remodelação da Escola de Regentes Agrícolas do Tchivinguiro, a multiplicação do ensino particular, tudo são oportunidades educativas que tendem a fixar em áreas e zonas diferentes, grupos de alunos que, outrora, concorriam a matricular-se no Liceu de Sá da Bandeira. Podem explicar, sem dúvida, a diminuição notada, que continuará a verificar-se, por mais alguns anos, até que se atinja um perfil de equilíbrio entre as frequências provenientes das áreas pedagógicas de cada Liceu e as frequências optativas por cada tipo de ensino: liceal e técnico, oficial e particular.

Todavia, não deve supor-se que, a pulverização geográfica dos Liceus e a multiplicação das oportunidades educativas, pela variedade de escolas dentro da mesma área, ameacem a frequência deste Liceu dum queda brusca.

Dá-se um afluxo, cada vez maior, de massas juvenis às escolas de todos os graus, de todos os tipos.

O desenvolvimento das actividades económicas, o aparecimento de novas técnicas e de novas indústrias, implicam, não só o aproveitamento de mão de obra qualificada em grandes quantidades, como a organização de quadros especializados e de auxiliares e colaboradores valorizados com maior soma de conhecimentos.

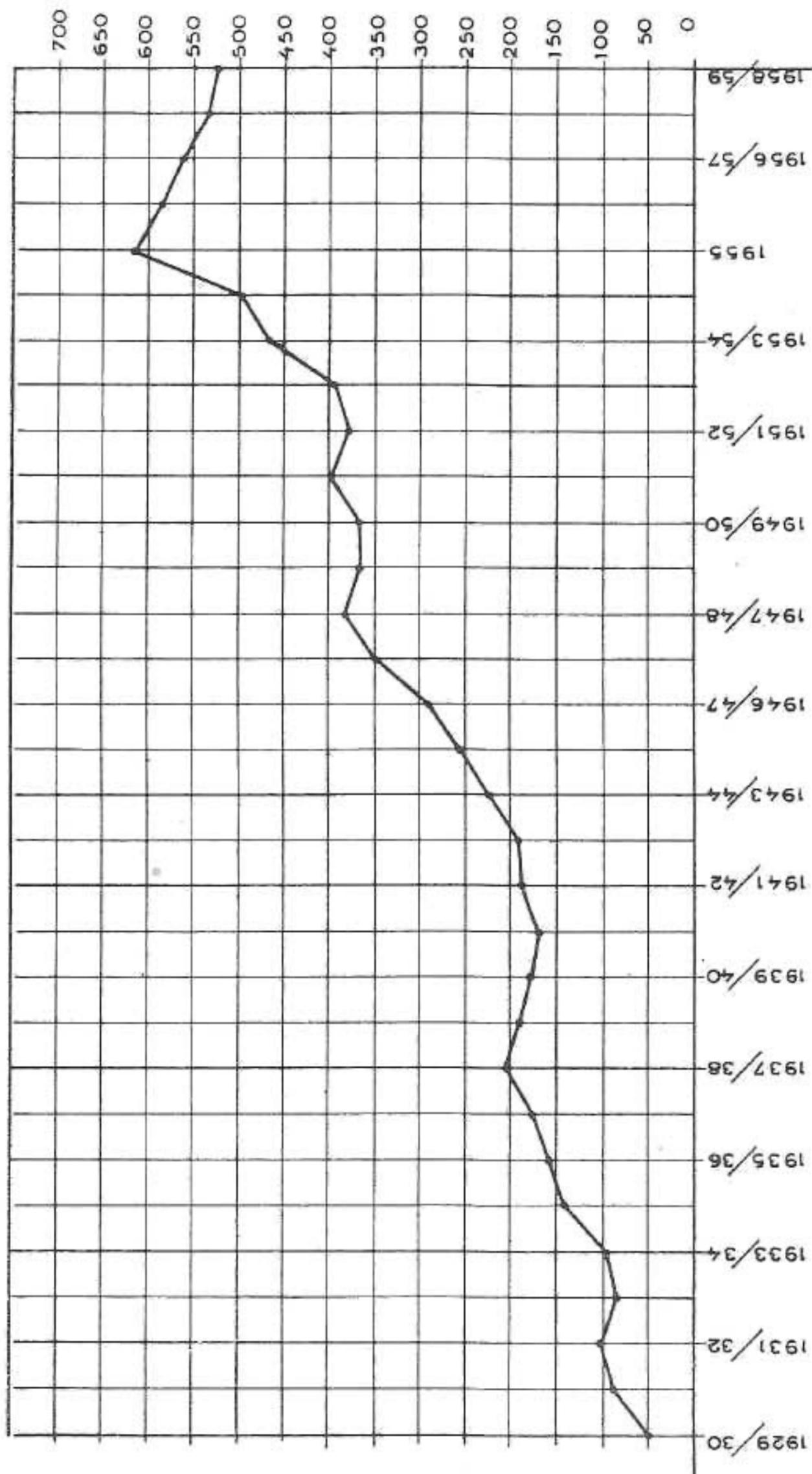
O diploma da 4.^a classe é, já, título ultrapassado. Não tardará muito que o do curso geral do Liceu, ou equivalente dos ensinos técnicos, seja a bitola mínima de admissão à grande maioria das actividades.

De modo que, se o Liceu não formar poetas e sonhadores, *filósofos* e literatos, intelectuais puros, contemplativos de torre-de-marfim, mas gente metódica, trabalhadora, realística, habituada à observação completa e profunda, à exactidão, ao hábito do raciocínio exacto, ao pensamento lógico, ao uso da linguagem matemática, à disciplina interior, à inteligência gnóstica e concreta, à acção, o Liceu continuará a ser frequentado por muitos alunos, que o preferem ao ensino técnico, paralelo.

E, se não for assim, o essencial é que se valorize esta riqueza, que é a juventude, seja no ensino técnico, seja no liceal.

As escolas não são, senão, meios para atingir esse nobre fim.

**GRÁFICO DE FREQUENCIA DO LICEU DIÓGO CÃO
DE
SÁ DA BANDEIRA**



O Liceu em 1958-59

A — Edifício e dependências

O Liceu encontra-se instalado, desde 1936, no mesmo edifício que, estando longe de corresponder às necessidades pedagógicas dum estabelecimento de ensino, tem sido ampliado e melhorado sistemáticamente, de modo a que se afaste, o menos possível, do que deve ser um Liceu modelar.

Já no «Anuário» de 1946 se dizia que o Liceu era «uma casa em que pouco mais se pode fazer do que dar aulas.»

Se faltam salas de recreio para alunos, há, todavia, faltas mais importantes: um outro ginásio; salas de trabalhos manuais e de desenho; um apropriado gabinete de geografia; e, até, salas de aula.

O ginásio actual, construído para, concomitantemente, servir de sala de espectáculos, ficou inutilizado para este fim, principalmente por não ter condições acústicas, sequer ao menos, sofríveis. Os seus balneários não funcionam.

É preciso um gabinete médico amplo e moderno.

B — Pessoal do Liceu

O Liceu foi servido pelos seguintes elementos:

DIRECÇÃO

Reitor — *Fernando Falcão Machado*

Vice-Reitor — *Dr. Leandro Gomes de Mendonça*

Secretário — *Dr. Vasco Manuel de Azevedo Coutinho*

SECRETARIA

Telmo Martins de Mendonça — 2.º oficial, desempenhando as funções de Chefe de Secretaria

José Vieira de Almeida — 2.º oficial

Joaquim dos Santos Espinha — Aspirante

PESSOAL DE SAÚDE ESCOLAR

Dr. Manuel Ferreira de Carvalho — Médico

PROFESSORES

a) — EFECTIVOS

Dr. Manuel Higinio Vieira — Director de ciclo

Dr. José Augusto Bettencourt Coelho — 1.º grupo.



Dr.^a D. Margarida Adelaide Pinto — 2.º grupo

Dr.^a D. Maria Helena Pitté Arez — 3.º grupo. Directora do 3.º ciclo

Dr.^a D. Maria da Luz da Silva Pereira Serrano — 3.º grupo. Directora da Biblioteca

Dr. Fernando Falcão Machado — 5.º grupo. Reitor. Director do gabinete de Geografia

Dr. Manuel Roberto de Matos — 6.º grupo. Director do 2.º ciclo. Dirige o gabinete de Ciências Naturais

Dr. Leandro Gomes de Mendonça — 7.º grupo. Vice-Reitor. Dirige o gabinete de Ciências Físico-Químicas

Dr.^a D. Maria Augusta da Piedade Castel-Branco Vieira — 8.º grupo

b) — CONTRATADOS

Dr.^a D. Maria da Soledade Cunha Galvão — 2.º grupo

Dr. Vasco Manuel de Azevedo Coutinho — 8.º grupo. Secretário do Liceu e Director da Caixa Escolar

Dr.^a D. Maria Celeste de Sousa Ferreira — 9.º grupo. Directora do gabinete de Desenho e Trabalhos Manuais

D. Dilma Blanc Nogueira Vilas-Boas de Almeida Abreu — Canto Coral

D. Luisa Amélia Vitória Pereira Seia — Lavoires Femininos

c) — EVENTUAIS

D. Zélia Maria Gomes Rodrigues Fernandes — 2.º grupo

D. Maria Olímpia Carneiro Portela — 2.º grupo

D. Maria Eugénia Andrade Nery Teixeira — 4.º grupo

D. Maria Alice Pais Dias Antunes da Cunha — 5.º grupo

Dr.^a D. Maria Cornélia Tenreiro Teles Grilo — 6.º grupo

D. Maria do Céu Carvalho Pires de Sousa Gomes — 6.º grupo

D. Maria Gabriela da Costa Tavares — 7.º grupo

Eng. Carlos Wenceslau Frazão Sardinha — 9.º grupo, substituído por

D. Ana Maria de Miranda Lemos Lopes da Silva Carvalho — 9.º grupo

D. Maria Luisa Cerveira Baptista — Educação Física

Aristides Augusto Loureiro — Educação Física

P.^e Orlando Ribeiro de Santana — Religião e Moral

Irmão Tarcisio Máximo — Religião e Moral

PESSOAL MENOR

José dos Santos Martins — Contínuo de 1.^a classe exercendo as funções de Chefe do Pessoal Menor

João Miguel Dias — Contínuo de 1.^a classe

Juliana Rodrigues — Contínua de 1.^a classe, desligada do serviço no decorrer do ano

Leontina Helena Santa Rita de Castro — Contínua de 1.^a classe

Lino da Conceição Giestas — Contínuo de 2.^a classe exonerado a seu pedido

José Ferreira — Carpinteiro-marceneiro

PESSOAL DE LABORATÓRIO

Venâncio de Jesus Martins — Preparador

SERVENTES INDÍGENAS

Joaquim. Fortuna. Nicolau Munecapunda. Francisco Canivete. Manuel Correia. ~~Geraldo Caneca~~. Francisco Silva. José Augusto.

C — Ciclos

De modo geral as turmas deste Liceu distribuem-se do seguinte modo :

1.º e 2.º ciclos — 1.º andar.

3.º ciclo — rez do chão.

Turmas femininas — ala Oeste.

Turmas masculinas — ala Este.

D — Alunos

O Liceu foi frequentado por 526 alunos, 357 do sexo masculino e 169 do sexo feminino, assim distribuidos :

Ano	Sexo	TURMA			TOTAL	
		A	B	C	Parcial	Geral
1.º	V		39	38	77	113
	F	36			36	
2.º	V		30	31	61	90
	F	29			29	
3.º	V	13	38	—	51	75
	F	24			24	
4.º	V	11	29	—	40	59
	F	19			19	
5.º	V	25	—	—	25	36
	F	11			11	
6.º	V	11	13	34	58	88
	F	11	19		30	
7.º	V	10	8	27	45	65
	F	6	14		20	
						526

E — Horários

A distribuição dos tempos lectivos fez-se em dois períodos. O da manhã, com início às 8 horas e compreendendo 4 tempos. O da tarde, com início às 14 horas e compreendendo, para algumas turmas, aulas no 3.º tempo de tarde (7.º tempo).

A tal obrigou o facto de estarem ocupadas com as actividades da M. P. as tardes de 4.ªs feiras e sábados e a necessidade de se atenderem exigências ponderáveis dos professores de Religião e Moral.

De resto, sempre que possível, se evitaram os tempos da tarde.

F — Assiduidade dos Alunos

Da assiduidade dos alunos só interessa o número dos que, tendo ultrapassado os limites de perda de ano, obtiveram, ou não, relevação.

Estes dados constam dos quadros seguintes:

1.º e 2.º Ciclos

Anos	TURMAS			Total	Rel.
	A	B	C		
1.º	—	3	7	10	2
2.º	—	2	3	5	1
3.º	1	3	—	4	—
				19	3

O 4.º e o 5.º ano não tiveram nenhum caso.

3.º Ciclo

Anos	DISCIPLINAS						Total	Rel.
	Fil.	Nat.	F Q	Mat.	Des.º	OPAN		
6.º-A	1	—	—	—	—	—	1	—
6.º-C	1	1	1	3	1	1	8	—
							9	0

O 7.º ano não teve nenhum caso.

A percentagem de percas do ano por faltas, em relação à totalidade de alunos do Liceu, é de 4,5% o que se afigura percentagem de pouca relevância.

O maior número de alunos que perderam o ano por este motivo verifica-se no 1.º ano com 8 casos, o que é natural, por inadaptação ao sistema de frequência do Liceu.

Seguem-se o 2.º e o 3.º anos, com 4 casos cada.

Nenhum caso se verifica no 4.º e 5.º anos, o que se explica por progressiva adaptação dos alunos ao sistema de frequência liceal, verificada, plenamente, nos últimos anos do 2.º ciclo.

No 3.º ciclo, de ensino por disciplinas, verifica-se o mesmo fenómeno de inadaptação no 6.º ano e de perfeita adaptação no 7.º

Neste ciclo a perca do ano por falta de assiduidade pode explicar-se por desinteresse dos alunos na frequência de disciplinas para que estão contra-indicados por ausência de aptidões para as disciplinas em que se inscreveram.

G — Disciplina

O número de penalidades e notas de comportamento aplicados aos alunos deste liceu foram as seguintes:

Penalidade	ANOS							Total
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	7.º	
Repreensão	—	—	—	—	—	—	—	—
Ordem de sair	—	1	1	—	—	—	—	2
Suspensão de 1 dia	2	1	4	—	—	1	—	8
» de 2 dias	—	1	3	—	—	1	—	5
» de 3 dias	—	—	1	—	—	—	—	1
Total	2	3	9	—	—	2	—	16

Comportamento	ANOS							Total
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	7.º	
Regular	3	—	—	—	2	3	11	19
Mau	1	—	—	—	—	—	1	2
Total	4	—	—	—	2	3	12	21

Da análise destes quadros se conclue que :

- 1.º As penalidades são mais frequentes nos alunos dos três primeiros anos, o que se explica por menor adaptação a um sistema de disciplina novo e, quanto ao 3.º ano, por se iniciar a crise da adolescência.
- 2.º A penalidade mais frequente foi a de um dia de suspensão, considerada como suficiente na sua função preventiva.
- 3.º A nota de comportamento mais frequente foi a de Regular e o ano em que foi mais frequente foi o 7.º; motivos disciplinares ponderosos a determinaram.
- 4.º As notas de comportamento do 1.º ano devem-se a inadaptação.

H — Rendimento do ensino

Os quadros seguintes apresentam os resultados finais quanto ao aproveitamento :

1.º e 2.º ciclos

Ano	Turma	Alunos em 11-6-959	Aprova-dos	%	Admitidos a exame	%	Aprovados em exame	%
1.º	A	33	27	81				
	B	32	23	71				
	C	28	18	64				
		93	68	73				
2.º	A	27			25	92		
	B	26	1 (1)		17	65		
	C	26			18	69		
		79			60(4)	75	56(4)	72
3.º	A	35	20	57				
	B	30	18	60				
		65	38	58				
4.º	A	29	21	72				
	B	24	20	83				
		53	41	77				
5.º	A	30	1 (1)					
		30			20 Let. 19 Ciênc.		18 Let. 19 Ciênc.	63
					20(2)	18(3)		

- (1) — Dispensado de provas de exame.
- (2) — Foram 20 alunos a fazer 39 provas.
- (3) — Consideram-se 18 alunos aprovados, tendo feito 37 provas nas duas secções.
- (4) — Inclui um aluno dispensado de prestar provas de exame.

CONCLUSÕES:

- 1.* — No 1.º ciclo havia, em 11-VI, 172 alunos. Aprovados - 125; % - 72.
- 2.* — No 2.º ciclo havia, em 11-VI, 148 alunos. Aprovados - 98; % - 66.

3.º ciclo

Ano	Disciplinas	Alunos em 11-VI-59	Aprova-dos	o/o	Admitidos a exame	o/o	Aprovados em exame	o/o
6.º	Português . . .	15	15	100				
	Latim	15	14	93				
	Grego	1	1	100				
	Francês	1	1	100				
	Inglês	10	10	100				
	Alemão	13	11	84				
	História	10	9	90				
	Filosofia	62	58	80				
	Geografia	3	3	100				
	Naturais	51	48	94				
	F. Q.	51	37	72				
	Matemática	47	34	72				
	Desenho	50	50	100				
	OPAN	68	68	100				
7.º	Português	8			5	62	4	50
	Latim	10			10	100	9	90
	Grego	—			—	—	—	—
	Francês	—			—	—	—	—
	Inglês	11			11	100	10	90
	Alemão	9			9	100	8	88
	História	8			8	100	8	100
	Filosofia	51			47	92	35	68
	Geografia	6			6	100	4	66
	Naturais	36			36	100	31	86
	F. Q.	36			32	88	24	66
	Matemática	31			30	96	16	51
	Desenho	41			37	90	31	75
	OPAN	51			51	100	47	92

A média de aprovações, por disciplinas, do 6.º ano, foi de 91 %.

A média de aprovações, por disciplinas, do 7.º ano, foi de 77 %.

Considerando as medianas das percentagens de aprovações no 6.º e 7.º ano, respectivamente de 86 e 75, verifica-se que:

1.º — A percentagem média de aprovações no 6.º ano (91) ultrapassa a mediana (86). Alemão, História, Matemática e Física foram as únicas disciplinas de resultados inferiores à média e à mediana.

2.º — A percentagem média de aprovações no 7.º ano (77) ultrapassa a mediana. Nas disciplinas de Português, Filosofia, Geografia, Físico-Química e Matemática, os resultados foram inferiores à média e à mediana. Desenho teve percentagens iguais à mediana, mas inferiores à média.

Trabalhando com as percentagens de aprovações, verifica-se que:

1.º — A média geral de aprovações do Liceu foi de 75 %.

2.º — Os 1.º, 2.º e 5.º anos tiveram percentagens de aprovações inferiores à média.

3.º — Os 3.º, 4.º, 6.º e 7.º anos tiveram percentagens de aprovações superiores à média.

4.º — Consequentemente, os anos de exame do 1.º e 2.º ciclos e o 1.º ano foram os de maior percentagem de selecções.

5.º — Os resultados do 3.º ciclo, muito superiores à média, devem atribuir-se à constituição de turmas para algumas alíneas com muito poucos alunos e, consequentemente, com possibilidades de grande rendimento.

I — Instalações

Gabinete de Geografia — Dirigido pelo professor Fernando Falcão Machado. Foram revistos todos os mapas, mandados forrar os que o não estavam, colocar réguas nos que as não tinham.

O movimento de material foi de 61 mapas para diversas aulas.

Há carência de material.

Gabinete de Ciências Naturais — Dirigido pelo professor Dr. Manuel Roberto de Matos, que teve vasta tarefa de arrumação do material, verificando as suas faltas, identificando amostras e preparações não rotuladas, aproveitando artigos dados como inutilizados, recuperando e sanando o material.

Os professores de Ciências Geográfico-Naturais e os de Ciências Naturais do 2.º e 3.º ciclos deram diversas aulas neste gabinete.

Há carência de material.

Gabinete de Ciências Físico-Químicas — Dirigido pelo Dr. Leandro Gomes de Mendonça. Foram realizadas 227 sessões de trabalhos práticos do 3.º ciclo, deram-se, nele, 208 aulas técnicas e 165 aulas experimentais (do 2.º ciclo).

Há carência de material.

Gabinete de Desenho e Trabalhos Manuais — Dirigido por D. Maria Celeste de Sousa Ferreira. Nestas instalações foram dadas todas as aulas de Desenho do 3.º ciclo e funcionaram turmas de Trabalhos Manuais.

Biblioteca — Dirigida pela Dr.ª D. Maria da Luz da Silva Pereira Serrano.

O seu funcionamento não foi regular por falta de ajudante de Bibliotecário. Normalmente, funcionava durante as horas lectivas e, mais, das 17 às 19 horas e das 20,30 às 22,30 horas excepto aos sábados.

O movimento de leitores foi o seguinte:

Estudantes.	664
Professores	200
Estranhos ao Liceu	349

J — Assistência Escolar

Foram concedidos os seguintes benefícios:

30.740\$00 representados por 45 isenções de propinas nos termos do n.º 1 do art. 312.º do Estatuto de Ensino Liceal;

13.000\$00 nos termos da Portaria n.º 10.301, de 6-VIII-1958, entregues à Caixa Auxiliar da M. P.

9.000\$00 da verba inscrita no Orçamento, cap. 4.º, art. 281.º, entregues à referida Caixa.

Por sua vez a Caixa Auxiliar da M. P. concedeu os seguintes benefícios, utilizando, as verbas que lhe foram entregues e outras receitas próprias:

23.780\$00 de fornecimento de material escolar a 36 alunos;

11.545\$00 de isenções de propinas a 34 alunos.

Tudo totaliza 66.065\$00 dispendidos em benefícios assistenciais, de que usufruíram 79 alunos, sob a forma de isenções e auxílios para pagamento de propinas e 36 alunos sob a forma de auxílios em material escolar.

Destes 66.065\$00, podem considerar-se 13.325\$00 como contribuições de particulares, através de cotizações e lucros de operações comerciais da Caixa Auxiliar; e 52.740\$00 como contribuição do Estado, directa ou indirecta.

Ou seja:

O Estado contribuiu com 79,8 % da assistência escolar.

Os particulares contribuíram com 20,2 %.

L — Sessões Culturais

Realizaram-se as seguintes:

3-XI-1958 — *Pintura moderna* — por Fernando Falcão Machado, a quando da inauguração de estampas de quadros oferecidos pelo Ex.^{mo} Director Provincial dos Serviços de Instrução.

19-XI-1958 — *Como apreciar o Cinema* — pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Túlio Lopes Tomás, Director Provincial dos Serviços de Instrução.

21-XI-1958 — *Introdução à Teoria da Relatividade* — pelo Eng.^o Carlos Wenceslau Frazão Sardinha.

8-XII-1958 — *Evocação de Portugal* — por Fernando Falcão Machado, a propósito do «Dia da Metrópole».

9-XII-1958 — *Coimbra* — pelo Sr. César Gonçalves da Silveira (Publicada no jornal «A Huíla»).

16-I-1959 — *Profilaxia da Tuberculose* — pelo Dr. Ferreira de Carvalho.

28-I-1959 — *Aspectos da Colonização Madeirense* — pelo Dr. Leandro Gomes de Mendonça.

6-II-1959 — *A consciência cristã perante o materialismo moderno* — pelo Rev.^o P.^o Orlando Ribeiro de Santana.

13-IV-1959 — *Problemas da Rapariga: Educação da vontade, da imaginação e do coração* — pela Dr.^a D. Maria da Luz da Silva Pereira Serrano.

18-IV-1959 — *A Excursão a Moçambique* — pela Dr.^a D. Margarida Adelaide Pinto e alunos D. Maria Júlia Pizarro e António Pereira Medina.

20-IV-1929 — *Camões, símbolo da Raça* — pela Dr.^a D. Maria da Soledade Cunha Galvão.

27-IV-1957 — *Gago Coutinho* — por D. Zélia Gomes Fernandes.

11-V-1959 — *Cidades Americanas* — pela Dr.^a D. Maria Helena Pitté Arez.

16-V-1959 — *Sessão comemorativa da morte do Infante D. Henrique* — Preparação para o seu V Centenário.

18-V-1959 — *Valor, perigos e higienização da água* — pela Dr.^a D. Maria Cornélia T. Teles Grilo.

20-V-1959 — *Repercussão da Instrução no desenvolvimento económico dum País* — por D. Maria Alice Pais da Cunha.

27-V-1929 — *Existencialismo Ateu e Cristão* — por D. Maria Eugénia A. Nery Teixeira.

1-VI-1959 — *Problemas mais instantes no Ultramar Português* — pelo Sr. Dr. Vasco Homem de Gouveia e Sousa, Director interino da Escola Industrial e Comercial «Artur de Paiva», em sessão comemorativa da Semana do Ultramar.

4-VI-1959 — *Problemas mais instantes no Ultramar Português* — pelo Sr. Dr. Fernando Dias Pablo, Director da Escola de Regentes Agrícolas «Dr. Francisco Machado», em sessão comemorativa da Semana do Ultramar.

9-VI-1959 — *Os Lusíadas como realidade nacional* — pelo Dr. José Augusto Bettencourt Coelho.

A estas vinte sessões culturais, assistiram, sempre, numerosos alunos.

M — Cinema Escolar

Posto que o Liceu não disponha de instalações e aparelhagem cinematográfica, houve:

19-XI-1958 — Exibição do filme *Rio Sagrado*, promovida pela Direcção Provincial dos Serviços de Instrução.

27-I-1959 — Exibição dum filme acerca de *Pintura Clássica Francesa*, relacionado com os estudos de História, comentado pelo professor Fernando Falcão Machado.

Este filme foi proporcionado pela Direcção Provincial dos Serviços de Instrução.

N — Visitas de Estudo e Excursão

Realizaram-se as seguintes:

22-I-1959 — Às *Instalações da Gráfica da Huíla, Lda.* — Alunos do 7.º ano. Dr. Manuel Higinio Vieira.

29-I-1959 — À *escarpa da Chela* — Alunos do 3.º ciclo. Fernando Falcão Machado.

15-II-1959 — À *Tundavala* — Alunos do 1.º ciclo com o Irmão Tarcísio Máximo.

4-III-1959 — À *Província de Moçambique* — Alunos do 7.º ano com os professores Dr. Manuel Higinio Vieira, Dr. Manuel Roberto de Matos, Dr.ª D. Margarida Adelaide Pinto e Dr.ª D. Maria Helena Pitta Arez.

Em 18-I-1959, além duma Sessão Cultural sobre esta viagem, foi feita uma Exposição de Recordações da mesma.

7-II-1959 — *A Benguela, Ganda e Nova Lisboa* — Alunos do 2.º e 3.º ciclo. Dr. Manuel de Azevedo Coutinho e D. Luisa Amélia Vitória Pereira Seia.

O professor Dr. Manuel Roberto de Matos promoveu, entre os alunos diversos passeios locais, para estudo das Ciências Naturais, em contacto com a Natureza.

O professor Fernando Falcão Machado, com os alunos do 3.º ciclo, realizou uma visita à Exposição de Arte promovida pela Sociedade Cultural de Angola.

O — Comemorações e Festas Escolares

As festas e comemorações realizadas pelos alunos foram as seguintes:

30-XI-1958 — Comemoração da data da Restauração, por elementos próprios do Liceu, com a colaboração de D. Luisa Amélia Vitória Pereira Seia, D. Maria Luisa Cerveira Baptista e Eng.º Carlos Wenceslau Frazão Sardinha.

25-XII-1958 — Comemorações do Natal com Presépio.

5-III-1959 — Espectáculo teatral no *Cine-Teatro Odeon*, com a peça «Falar verdade a mentir», de Almeida Garret.

16-V-1959 — Preparação da comemoração do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

8-VI-1959 — Espectáculo de variedades no *Cine-Teatro Odeon*, em colaboração com os alunos da Escola Industrial e Comercial «Artur de Paiva».

— Os alunos deste Liceu, na sua qualidade de filiados da O. N. M. P. participaram das realizações previstas desta Organização nos dias

1.º de Dezembro de 1958 — Restauração
10 de Junho de 1959 — Dia de Portugal

P — Mocidade Portuguesa

Os alunos do Liceu, como filiados, formam o Centro Escolar n.º 1 desta Ala, de que é Director o sr. Dr. Vasco Manuel de Azevedo Coutinho.

A sua actividade consistiu na realização de exercícios e

marchas, duas vezes por semana, sessões de Milícia, também duas vezes por semana, e alguns acampamentos.

A par desta actividade também participaram, como ficou dito, nas comemorações da Restauração e do Dia de Portugal.

Q — Higiene e Saúde Escolar

O médico escolar, sr. Dr. Manuel André Ferreira de Carvalho apresentou-se neste Liceu nos princípios do 2.º período.

Em 16-I-1959 realizou uma palestra àcerca da *Profilaxia da Tuberculose*.

Em Agosto de 1959 foi transferido para Nova Lisboa, ficando vago o seu lugar.

A professora de Educação Física, D. Maria Luisa Cerveira Baptista, procedeu a algumas mensurações de aspectos constitucionais das suas alunas.

Coordenação do Ensino

Já no «Anuário» de 1946 se escreveu que o Liceu sofria duma crise que se estendia a todos os serviços de instrução de Angola — a falta de professores.

Era acusar os efeitos dum mal cujas causas não foram, então, estudadas, e que continua a actuar ainda hoje, apesar de já se conhecerem essas causas. ⁽¹⁾

Esse facto fez com que afluíssem aos liceus como professores, indivíduos, não professores de carreira, com Exame de Estado; mas licenciados, em Faculdades de Cultura, médicos, advogados, sacerdotes, oficiais do Exército, engenheiros e, até, simples diplomados com o curso liceal, e, apesar de tudo, nos últimos anos, os quadros, não só deste estabelecimento de ensino, como de outros, não têm sido completamente preenchidos.

Da lista dos professores que têm servido o liceu «Diogo Cão» verifica-se que predominam os professores de carreira (38): seguem-se os licenciados em Letras e Ciências (15); oficiais do Exército (13); e, depois, um grupo de 22 diplomados com cursos superiores diversos, outro, com 10 pessoas com frequência de cursos superiores, incluindo o de Teologia; 8 unicamente com cursos liceais; etc..

Excluídos os professores de carreira, como devemos considerar os restantes colaboradores da função docente?

(1) — Dr. Francisco Dias Agudo — «Chá de recepção aos nossos estagiários» — in *Palestra* 4, Lisboa, 1959, p. 135.

Interessa que os professores tenham uma Filosofia de Vida, ou da Educação, qualidades pessoais e uma técnica psicológica e pedagógica ⁽²⁾; mas, só por si, cada uma destas características de nada vale.

Oficiais do Exército e sacerdotes, mais do que os outros, devem possuir Filosofia de vida e técnica, pois também são educadores. Mas, entre os outros, encontram-se pessoas com grandes qualidades pessoais, que podem impô-las como educadoras-natas.

Pode ser, mesmo, que, em todos os que concorrem aos liceus, como professores eventuais, haja, mais ou menos embrionárias, todas as aptidões necessárias ao bom professor.

Compete à Reitoria dum liceu onde há professores eventuais, fazer o possível para que estes se aproximem do tipo do professor, pelo menos médio.

Assim pensando, esta Reitoria promoveu as seguintes medidas:

1 — Uma série de palestras de feição educativa, quais foram:

Didática das palavras variáveis — pelo Dr. Manuel Higinio Vieira, em 17-XII-1958.

A Educação Física, a Personalidade e o Jovem — pelo Prof. Aristides Augusto Loureiro em 17-II-1959.

O núcleo mínimo de Expressão linguística — pelo Irmão Tarcísio Máximo, em 27-II-1959.

Geometria através da História — pela Dr.^a D. Maria Augusta Castel-Branco Vieira em 22-IV-1959.

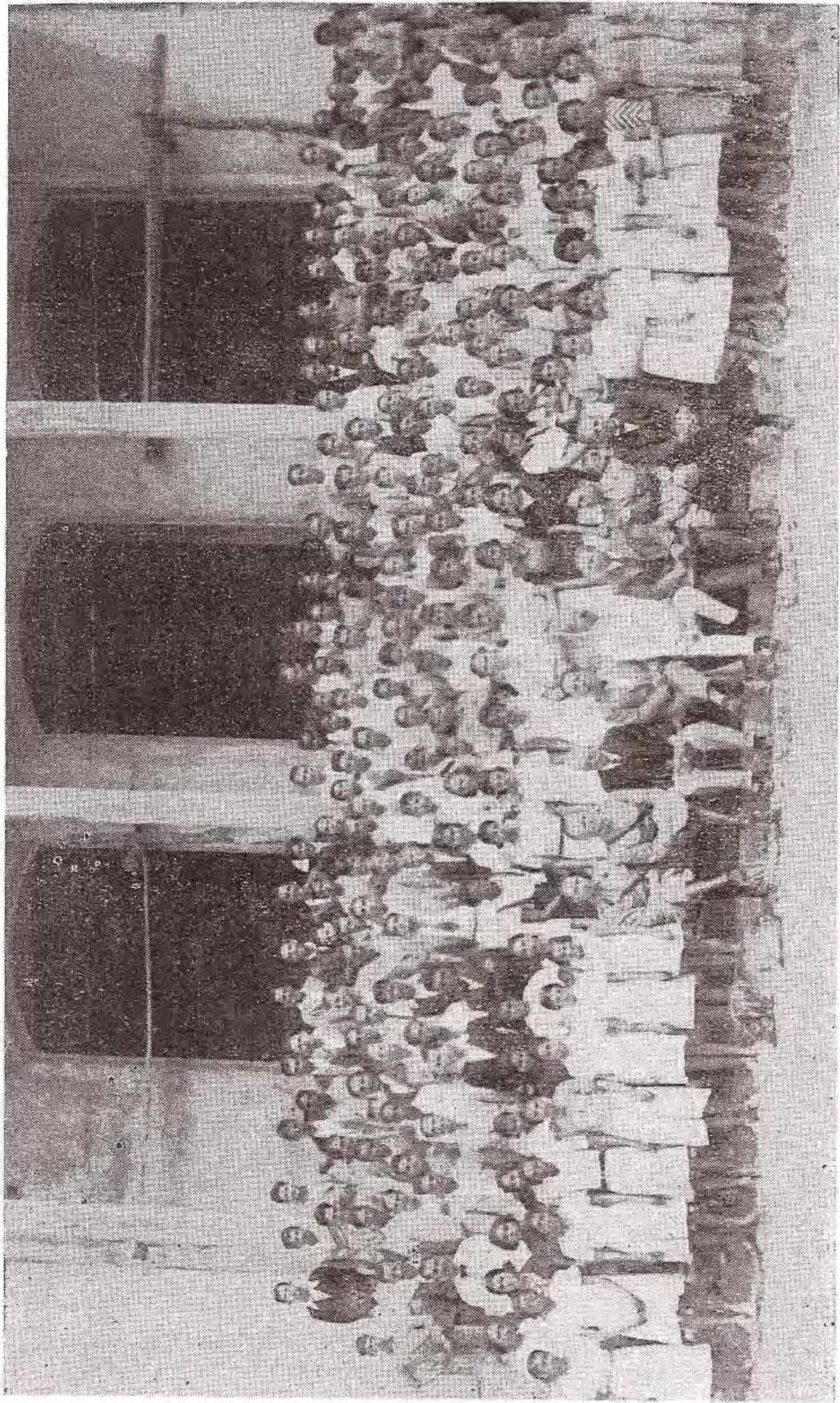
A Nova Era científica na vida pedagógica das linguas — pela Dr.^a D. Maria Helena Pitté Arez em 13-V-1959.

Necessidade de diagnosticar as aptidões dos escolares — pelo Dr. Leandro Gomes de Mendonça, em 25-V-1959.

2 — Uma série de visitas a aulas e sessões, pelo Reitor, Vice-Reitor e Directores do Ciclo, que permitiram dar, em «conversa amena,» alguns conselhos didáticos aos professores de habilitações mínimas, fazendo-lhes ver o aspecto cultural e, conseqüentemente, geral, do Ensino Liceal.

Procurou-se evitar toda e qualquer colisão na distribuição de exercícios escritos; e se bem que predominasse a opinião de que não é por demais que os alunos façam dois exercícios

(1) — P.^e João António Nabais «Por uma Pedagogia portuguesa» Cadernos de Psicologia e de Pedagogia — Lisboa 1958.



Estudantes e professores do Liceu Nacional «Diogo Cão» em 1938

no mesmo dia, como treino, para exames, visto que estes implicam duas provas diárias, superiores a uma hora cada, não se verificou nenhuma duplicação de exercícios no mesmo dia.

Fez-se distribuição, entre os professores, de folhas contendo os principais artigos do Estatuto do Ensino Liceal relativos às obrigações dos professores e suas relações com os alunos e, ainda, de outra, contendo os «passos» de condução de lições, segundo as habituais normas pedagógicas, regras de estudo, escrituração do C. D.

Diversas Ordens de Serviço desta Reitoria completaram a acção desenvolvida neste sentido, mostrando o caminho a seguir, como funcionários e educadores, procurando conduzir os elementos docentes, tanto quanto possível, para uma atitude de disciplina formal.

Não se verificou nenhum caso que possa considerar-se de prejuízo para a coordenação. Todos os professores procuraram cumprir o melhor possível — e a maior parte dos eventuais esmerou-se.

Esmerou-se a tal ponto que alguns ultrapassaram a sua própria missão, tendo dado bastantes aulas extraordinárias, quando, nos seus horários, havia intervalos coincidindo com tempos de aulas de turmas que não tinham, ainda professores.

Se pode dizer-se que os resultados foram satisfatórios, tanto no concernente às percentagens de aproveitamento, quanto ao número de actividades educativas nomeadamente de sessões culturais e outras, a verdade é que as circunstâncias determinam que as vagas do quadro docente sejam preenchidas por elementos sem cabal e total formação pedagógica.

E se, este ano de 1958-59, o liceu contou com um grupo de professores eventuais de muito boa-vontade e aptidões, pode acontecer que assim não aconteça de futuro, e as soluções de emergência não sejam as mais convenientes às finalidades do Ensino Liceal.

Não está nas mãos da Reitoria solucionar este grave problema.

Documentação

Como esclarecimento, publicam-se, a seguir, alguns elementos normativos e doutrinários dimanados desta Reitoria.

Lista dos alunos que frequentaram o Liceu em 1958/59

1.º ANO — TURMA A

N.º	Nome	Obs.
1	Ana da Conceição Abreu Amaro	10
2	Ana Maria Martins da Silva Mateiro	11
3	Fernanda Manuela Prim Ferreira de Faria	11
4	Georgina da Purificação Coelho	13
5	Glória da Piedade Carvalho Russo	R
6	Idalina Soares de Oliveira	11
7	Isabel Maria Monteiro dos Santos	14
8	Joaquina da Conceição Matos da Cunha	T
9	Luizette Maria de Freitas Teixeira	10
10	Manuela Maria de Fátima Leite Figueira	12
11	Maria Amélia de Couto Viana Neves	11
12	Maria do Céu Pereira Tito Fontes	10
13	Maria Clara Garcês Camacho	10
14	Maria Elisa Sampaio	11
15	Maria Emília de Araújo Silva	12
16	Maria Emília Soares Mendes	T
17	Maria Eugénia de Louro Antunes	12
18	Maria Fernanda dos Santos Saraiva	13
19	Maria Ivone de Sousa Moreira Saraiva	10
20	Maria José Gil Dias	11
21	Maria de Lourdes Silvério da Silva	R
22	Maria de Lourdes Neves Taborda de Moraes	R
23	Maria Luisa da Silva Magalhães	10
24	Maria Margarida de Carvalho A. Fontes	10
25	Maria da Piedade de Brito e A. R. Martins	10
26	Maria Rosa Prim de Faria	11
27	Maria da Saudade Mexia D. Pinheiro	R
28	Maria Teresa Corrêa de S. Monteiro	T
29	Maria Teresa Gomes Tavares	10
30	Maria Teresa Mendonça Ferreira	11
31	Maria Teresa Quental Miranda	10
32	Mariete Maria Bento Silvério da Silva	10
33	Raquel Maria de Moura Morgado	10
34	Rosa Maria Real Miranda	R
35	Maria de Lourdes Videira Tomás	12
36	Maria Antónia Branco	R

1.º ANO — TURMA B

1	Álvaro José de Oliveira Marques de Miranda	14
2	Amílcar Moisés Ferreira Sequeira	11
3	António Álvaro de Melo Cristina Agante	T

4	Antonio José Fernandes Heitor	A
5	António Luís Alves Ferronha	R
6	António Luís Martinho Ventura	R
7	António Manuel Gomes Ferreira	13
8	Arlindo Abel Alves Ribeiro	R
9	Armando Pinheiro Gomes	R
10	Artur Jorge Madureira Fernandes	11
11	Carlos Alberto Rodrigues Espinha	R
12	Carlos Manuel da Cunha	R
13	Carlos Olavo de Azevedo Camacho	10
14	Eduardo Alberto Moura Trindade	T
15	Eurico José da Silva Conceição	10
16	Francisco Miguel Alves Henriques	11
17	Gil Duarte Paulo	R
18	João Carlos Carneiro Ferreira	11
19	João Eduardo Morgado Alberto	11
20	João dos Santos Freitas	R
21	Joaquim António Vale de Oliveira	R
22	Jorge Manuel Ferreira Dias Pablo	12
23	Jorge Manuel Gavaia	10
24	Jorge Manuel Simões Nunes Telo	13
25	José Augusto Alves	R
26	José Carlos de Sousa Maia	10
27	José Manuel Gomes Tavares	10
28	José Walter Gouveia de Sousa	R
29	Júlio Ribeiro	11
30	Luís Alberto Bonet Monteiro	T
31	Luís de Almeida Lino	R
32	Manuel Clermand Martins Caldeira	11
33	Mário Manuel Cunha Galvão	10
34	Rogério Renato de Sousa Costa	10
35	Rui Alberto Martins Roque	10
36	Aristides Manuel de Alpoim de S. Mendes	11
37	José Pedro Ferreira Velhinho	R
38	João Raul Gomes Bettencourt Coelho	13
39	José Carlos de Lima Tavares de Sousa	11

1.º ANO — TURMA C

1	António Alfredo Máximo Morgado	R
2	António Cabral Lisboa S. Santiago	R
3	António Deodato Dinis Soares	R
4	António José Rodrigues de Freitas	T
5	Carlos Abreu Dias	10
6	Filipe José Moura da Silva	10
7	Firmino Humberto Alves dos Santos	R

8	Gaspar Gomes Ribeiro	10
9	Guilherme Manuel Barros d' Almeida	R
10	Helder Flávio Gomes de Moraes	R
11	Helder Renato Correia Monteiro	R
12	Horácio Walter Góis Mendonça	R
13	João Manuel Fernandes Pereira	10
14	João Manuel Mendonça Góis	12
15	José António Beatriz Aparício	10
16	José António da Silva Ferreira	R
17	José Luiz Santiago Gonçalves	11
18	Júlio de Castro Valente Júnior	10
19	Luís Óscar Gomes de Moraes	11
20	Malaquias Celestino	10
21	Manuel das Dores Estêvão Faria	T
22	Manuel Luís Ferreira	13
23	Manuel de Oliveira Costa	R
24	Mário Guedes da Silva	A
25	Mário da Silva Ervedosa	T
26	Nelson Garcês Rodrigues	10
27	Norberto Gomes Duarte	R
28	Olegário Marcelo Velosa	12
29	Paulo Anibal Lopes Nunes	R
30	Paulo José Nogueira Ferreira	10
31	Rogério Freitas Coimbra	R
32	Romualdo Arménio Gomes de Moraes	R
33	Rui Augusto de Carvalho	10
34	Rui Manuel Ribeiro Couto	10
35	Virgílio Alberto de Abreu C. da Costa	11
36	Amândio Nelson de Freitas	R
37	Fernando Tavares Costa	10
38	Fernando Manuel Branco	R

2.º ANO — TURMA A

1	Ana Maria Elisabeth Bento de Sousa	12
2	Ana Maria Gonçalves Boloto	14
3	Carminda de Almeida Patinha	14
4	Carminda de Jesus Andrade Sêco	12
5	Elsa Lucilina Abreu Amaro	R
6	Isabel Maria Falcão Rodrigues	13
7	Julieta Gonçalves Figueiras	12
8	Maria Albertina Piedade da Silva	R
9	Maria Celeste Rodrigues de Almeida	12
10	Maria do Céu Marques de Magalhães	10
11	Maria Clara de Sousa Carranca	R
12	Maria da Conceição Couceiro Machado	13
13	Maria da Conceição Gomes Sena	14

14	Maria da Conceição Santos e Silva	12
15	Maria de Fátima Baltazar de Almeida	17
16	Maria Fernanda Alves Vieira	11
17	Maria Fernanda Corrêa de S. Monteiro	T
18	Maria Fernanda Soares de Sá Lemos	12
19	Maria Helena Martins	15
20	Maria Helena dos Santos Baptista	10
21	Maria Ireneia Moita e Melo	16
22	Maria Isabel de Oliveira M. Miranda	14
23	Maria Luísa Rocha Cabral	13
24	Maria de Lourdes Lopes da Fonseca	10
25	Maria Olívia Ribeiro de Carvalho	14
26	Maria Raquel Carneiro P. Guimarães	15
27	Maria Raquel Correia de S. Monteiro	T
28	Zélia Maria Martins Alves	14
29	Maria Rosi Graciette de Abreu Duarte	14

2.º ANO — TURMA B

1	António Luís Monteiro dos Santos	T
2	António Luís Morgado Fernandes	R
3	António Pedro Saraiva Coutinho	R
4	Aristides Alegre Vieira Gonçalves	T
5	Armando Ladislau Dias	R
6	Carlos Alberto Gavaia	12
7	Fernando Jorge Viegas Godinho	R
8	Emilio Arnaldo de Freitas Rangel	13
9	Francisco Jorge Albuquerque C. Novais	R
10	Joaquim José Correia de Brito	11
11	Joaquim Sebastião Reis Ascenso	14
12	José Manuel Ferreira Dias Pablo	14
13	José Rafael de Jesus da Rocha Costa	R
14	Júlio Manuel Borges Rodrigues	16
15	Manuel Inácio Antunes Pinto	14
16	Manuel Luís Rodrigues da Silva	14
17	Martinho Eduardo da Costa Nóbrega	12
18	Mário Filipe de Freitas V. Monteiro	12
19	Mário Rui da Câmara Nóbrega	R
20	Paulo Jorge Rodrigues Fernandes	15
21	Pedro Chagas Ramos	13
22	Pedro Manuel Leão Rodrigues de Sousa	14
23	Rodrigo Humberto Ribeiro de V. Faria	11
24	Rui José Grilo do Amaral Espinha	15
25	Victor José Osório dos Santos	R
26	Victor Manuel Leal de Almeida	12
27	Teodorico Júlio Dores de Oliveira	R

28	José Manuel Ramos Gardete Correia	11
29	António José Teixeira de Avelar	R
30	António Joaquim da Silva.	R

2.º ANO — TURMA C

1	Afonso Hugo Alves Fernandes	10
2	Albérico de Jesus Leite Gomes	14
3	Alfredo de Palma Arvela Franco	11
4	Aníbal António dos Santos	R
5	Aníbal Fernandes Louro	R
6	António Ferreira Silvestre	R
7	António José Alves Lopes	R
8	Carlos Alberto Alves Ferronha	R
9	Carlos Alberto Fernandes da Silva	11
10	Carlos Alberto Loureiro Abreu.	R
11	Carlos Alberto Magalhães de Almeida	13
12	Carlos Manuel Teixeira Farinha.	R
13	Emílio Victor Peres da Silva	R
14	Fernando Eduardo Guimarães Teixeira	12
15	Fernando Paulos Homem	10
16	Herlander Oscar Dias de Sousa	R
17	Higino José Rodrigues	14
18	Hugo Viriato Lopes Pereira de Melo	A
19	Joaquim Martins da Costa	13
20	José Geraldês de Matos	R
21	José Humberto Corrêa de Freitas	14
22	José Luís de Oliveira Guedes da Silva	13
23	José Soma Gaspar	12
24	Serafim Gomes Jorge	12
25	Nuno José da Costa Campos Grima	13
26	José Manuel de Oliveira Fontoura	R
27	Rui Ermida dos Santos	T
28	Augusto Artur Faria da Silva	R
29	José Teixeira Monteiro	R
30	Rogério Angelo Vale de Prados C. Silva	13
31	Artur Manuel Tavares Costa	14

3.º ANO — TURMA A

1	Albertina dos Anjos Lucas da Silva	R
2	Idalina de Magalhães	R
3	Ilda Vivalda Simões Curado	R
4	Leontina Áurea de Castro	R
5	Licínia Maria Pita de Campos	10
6	Lidia Maria Jorge	R

7	Lubélia Marques Rangel	R
8	Luísa Maria Liz Vaz Osório	R
9	Maria Antónia Rodrigues Figueira	10
10	Maria de Jesus das Dores A. Carvalho	11
11	Maria do Céu R. Marques Luís.	R
12	Maria Ihuisa Leitão Ferreira	R
13	Maria Isabel Neves de Almeida Viegas	10
14	Maria Leonilde Gomes de Figueiredo	11
15	Maria Leonor Henriques Gomes da Silva	R
16	Maria de Lourdes Pinto Ribeiro	11
17	Maria Luísa Bento de Magalhães	R
18	Maria de Lourdes Simões P. Oliveira	12
19	Maria Manuela Teles de Carvalho	R
20	Maria Margarida Simões Tello	11
21	Maria Paula Mourisca S. P. Oliveira	11
22	Marieta Lima Vieira Rodrigues	T
23	Nancy de Jesus Domingues Tavares.	11
24	Zélia do Rosário R. B. Mendonça	R
25	António Sérgio Duarte Pousada	15
26	Carlos Alberto da Silva Fonseca	11
27	Carlos Eugénio Gomes Jorge	R
28	Herculano Araújo Silva	10
29	João José Arrobas Cardoso das Neves	11
30	José Augusto de Oliveira	R
31	José João Marreiros das Chagas	11
32	Luís da Conceição Lobo Couto Alves	10
33	Pedro José Pinto Homem e Sousa	R
34	Vasco António Moreira Outeiro	10
35	José Manuel Gomes de Oliveira	11
36	Francisco Manuel Marreiros da S. Vieira.	11
37	José de Oliveira Martinho	12

3.º ANO — TURMA B

1	António Augusto Vale Piçarra	R
2	António da Cunha Marques	R
3	António José Teixeira de Sousa	A
4	António Luís de Abreu Alves	12
5	Avelino Ramos Pereira	11
6	Carlos Alberto de Matos Roberto Ramos	10
7	Carlos Alberto Noronha Velosa	R
8	Eduardo Custódio Vasques.	R
9	Estêvão Cambissa Saculanda	R
10	Eurico de Araújo dos Santos Seca	R
11	Fernando Henriques do Nascimento Telles	12
12	Fernando Luís Rodrigues S. P. Silveira	R



13	Francisco António Geraldês Matos	12
14	Gilberto Manuel Machado da Silva	A
15	Helder Alexandre Abano de S. Nunes	R
16	Helder Nunes Marques	R
17	João António Correia dos Santos	T
18	João Cláudio de Abreu C. da Costa	11
19	João Veríssimo Abreu de Sousa	10
20	José Emídio Guimarães Fernandes	12
21	Júlio Henriques Rodrigues	R
22	Luís Ernesto Henriques Vitória de Faria	12
23	Manuel Augusto de Oliveira Fernandes	T
24	Manuel Carlos Carneiro Vicente.	R
25	Manuel Ribeiro	11
26	Mário José Parente Ramos	11
27	Octávio Magalhães Borges Alexandrino	T
28	Orlando Adérito Pereira	R
29	Orlando Venceslau de Carvalho.	11
30	Oswaldo Rodrigues Brunido Marques Luís.	R
31	Rogério Torres Cerveira N. da Silva.	10
32	Victor José Fernandes	R
33	António José da Costa Campos Grima.	11
34	Fernando Emílio Amorim Pinto	R
35	Guilherme Álvares Abranches Pinto	11
36	Luís Manuel Ramos Gardete Correia.	11
37	Joaquim Manuel Seabra Azevedo M. Pires.	11
38	Reinaldo Urbano de Lima e Sousa	12

4.º ANO — TURMA A

1	Ana Maria de Palma Arvela Franco	12
2	Dória Maria Duarte	11
3	Elsa Maria Severina de Moraes	10
4	Ilda António dos Santos Baptista	R
5	Maria Benvida Coentrão Mendonça	10
6	Maria Clara de Monteiro Pires	13
7	Maria da Conceição Peiroteo Gomes	11
8	Maria Eduarda Arrobas C. C. das Neves	11
9	Maria Esperança da Silva	R
10	Maria Fernanda Pereira Braga	10
11	Maria Helena Pinto Miranda	10
12	Maria Heraldá Dione Moita de Melo	11
13	Maria João Moreira Outeiro	12
14	Maria José Amante Presado	11
15	Maria Júlia Teles Carvalho	R
16	Maria de Lourdes Ferreira	12
17	Maria Regina Peyroteo Gomes	12

18	Maria Teresa Fernandes	11
19	Teresa Victoria Raul	R
20	Alberto Fernandes da Silva Tragedo	R
21	Alexandre Alberto Mesquita Miranda	R
22	Alfredo Carlos Portela Viegas	11
23	Carlos Alberto Oliveira S. Nunes	12
24	Carlos Alberto Trindade Peixoto	R
25	Carlos Eduardo Pinto Homem e Sousa	10
26	Luís Manuel Rodrigues da Silva	11
27	Mário Alberto Campos Rocha	R
28	Laura Maria Costa Campos Grima	13
29	Ana Pereira Mendes de Oliveira	10

4.º ANO — TURMA B

1	Alberto Correia de Freitas	11
2	António Augusto Branco M. de Castilho	12
3	António dos Santos Morais	11
4	Artur Baltazar Rodrigues B. M. Luís	R
5	Carlos Manuel de Paiva da C. Neves	11
6	Domingos Fernandes de Sousa	11
7	Eduardo Almeida Alves Morais	13
8	Fernando Emilio de Campos P. Sabrosa	11
9	Francisco Artur Marques de Magalhães	R
10	Guilherme Tavares da Silva	10
11	Gustavo Daniel de Sousa Saraiva	12
12	Helge Herbert Petersen	11
13	Horácio Van Dune de Andrade	A
14	Humberto Augusto de Castro Seixas	R
15	Joaquim da Silva Magalhães	A
16	José Jorge Gonçalves Cobanco	R
17	José Luís de Oliveira Evangelista	11
18	Luís Alberto Santos Banazol	10
19	Manuel da Cruz Almeida	R
20	Manuel João Piedade da Silva	11
21	Olímpio António Alegre Pinto	T
22	Renato José de Castro Sousa	12
23	Sérgio Peres da Silva	11
24	Timóteo Alves Gouveia	12
25	Walter de Oliveira Baptista	10
26	António Norberto Teixeira Monteiro	12
27	Isolino Vieira Gomes Cruz	R
28	António Manuel Vale de Prados C. da Silva	10
29	Álvaro Gomes dos Santos Pereira	10

5.º ANO — TURMA A

1	Beatriz Joyce de Jesus D. Tavares	14
2	Cacilda de Jesus dos Santos	14
3	Dalila Marta da Silva	12
4	Fernanda Branco Martins	12
5	Madalena Maria Galiano Vaz Pereira	14
6	Maria Celestina Paraíso Marques	R
7	Maria Clementina Rosado Rodrigues	14
8	Maria Cristina Paiva de Oliveira	13
9	Maria da Felicidade M. B. d' Oliveira	10
10	Maria Helena Monteiro Agostinho	15
11	Maria Suzete de Fátima Abreu Mota	11
12	Alfredo Augusto Pinto de Carvalho	R
13	Amadeu Carreira de Almeida M. Estaca	15
14	António José Moutinho Pereira	T
15	António Manuel Couceiro Machado	R
16	António Sérgio Sebastião de Sousa	12
17	Arménio João de Palma Neto	12
18	Carlos Alberto Lopes Torrinha	10
19	Carlos Alberto Rocha Marinho	R
20	Carlos Alberto Viegas Godinho	14
21	Décio Rui	12
22	Diamantino Pereira Monteiro	11
23	Dionísio Abílio Dias de Sousa	11
24	Eduardo Augusto Guimarães Teixeira	R
25	Fernando Manuel Gavaia	R
26	Jorge Alves Pires	14
27	José Maria Martins	10
28	José Sanona dos Mártires	R
29	Júlio Augusto	11
30	Mário Magalhães Borges Alexandrino	17
31	Romero Antunes Mascarenhas	R
32	Rui Fernando Alexandrino Ferreira	R
33	Victor Manuel Torres Pontes	14
34	Artur Micael Videira da C. B. Amaral	T
35	António Damas Branco	13
36	Carlos Alberto Chagas Ramos	R

6.º ANO — TURMA A

Alínea a)

1	Maria Celeste Johnston Cardoso	13
---	--------------------------------	----

Alínea b)

2	Carlos Alberto Guimarães Teixeira	12
---	-----------------------------------	----

3	Fernando Celorico de Almeida	R
4	Maria Angélica Olívia Carvalho	R
5	Maria Antonieta dos Prazeres C. Moreira	11
6	Maria Manuela Barreto Costa	13
7	Maria Manuela T. F. Castel-Branco	11

Alínea d)

8	Maria Clara Guerreiro Andrêa Ferreira	R
---	---	---

Alínea e)

9	Alvito Maria Demóstenes do Rosario	A
10	Elsa Maria da Silva Camacho	13
11	Fernando Lourenço Gonçalves André	12
12	Licínio Giestas Martins	12
13	Manuel Gonçalves Ferreira	14
14	Maria do Carmo da Costa Nóbrega	13
15	Maria Olímpia Matos Moreira	13
16	Rui Joaquim Cabral Cardoso das Neves	15

Alínea g)

17	Artur Alberto Miranda Trindade	A
18	Fernando Ribeiro Salgueiro	11
19	Jorge António Monteiro Lopes	11
20	José Marques de Figueiredo	A
21	Maria Camélia Ribeiro Luis	13

Alínea h)

22	Arão Cassoma	12
----	------------------------	----

6.º ANO — TURMA B

Alínea f)

1	Angela Maria Marini Simão Portugal	12
2	Ernestina de Freitas Coimbra	A
3	Maria Cecilia de Carvalho Ferreira	T
4	Maria Clara Currito Gargalo	T
5	Maria Clara Fernandes Serra do Amaral	12
6	Maria Clara Moreira Outeiro	12
7	Maria Clementina Rosinha B. Ferreira	10
8	Maria Clotilde de Oliveira Fortunato	15
9	Maria Elisa Soares de Melo Xavier	R
10	Maria Elisabete Calado Caldas	T
11	Maria de Fátima Marcelino	A
12	Maria Floripes de Jesus Mendes Couto	A
13	Maria Helena de Jesus Ferreira Sobral	12
14	Maria João Neto Vargas Lopes	13
15	Maria José Augusta de Figueiredo L. Novo	11

16	Maria José Neto Vargas Lopes	13
17	Maria de Lourdes Nunes Lousa	12
18	Maria Luísa Gourgel Rodrigues	12
19	Rosa Maria Trindade Chagas F. Ramos	11
20	António Alberto Sancho Trabulo	13
21	Arnaldo Francisco de Martins Carvalho	10
22	Carlos Alberto de Oliveira P. Mourão	11
23	Eduardo António de Almeida Abrantes	R
24	Fernando Fernandes Galhardo	R
25	Fernando Jaime Alves Dias Martinho	13
26	Gilberto Aires Teixeira da Silva	13
27	Henrique Manuel Mourato G. Guimarães	12
28	José Antunes Pinto	14
29	Rogério Pompeu Tendinha da Silva	10
30	Guilhermina do Carmo Carranha Machado	13
31	Alfredo da Costa Correia da Silva	11
32	Maria Fernanda da Costa Correia da Silva	14

6.º ANO — TURMA C

alínea f)

1	Albertino Miranda	R
2	Alberto Amaral Lopes.	11
3	Álvaro Edgar Vieira Nóbrega Ascenso	A
4	Álvaro Eurico de Azevedo Camacho	12
5	Álvaro Fernandes	11
6	António Augusto Freiria do S. Monteiro	12
7	António José Miranda	11
8	António Pedro de Menezes de A. Lopes	A
9	Carlos Eduardo Marques dos Santos.	A
10	Eduardo António Lázaro Gonçalves	12
11	João Baptista da Silveira e M. Caria	A
12	José Duarte Peres Maia do Vale.	R
13	José Guilherme de Campos Fernandes	11
14	José Luís dos Santos Ferreira	R
15	José Manuel Peyroteo Gomes	A
16	José Martins e Castro Alves	R
17	Leonel Garrocinho Luís	11
18	Luciano Freitas de Melo	R
19	Luís Filipe Ferreira Caetano	11
20	Manuel Abreu Dias	A
21	Manuel José da Costa Pereira	R
22	Mário Aristóteles Nunes Correia.	R
23	Orlando Abreu Amaro.	R
24	Pedro Bento Garcez Rodrigues.	10
25	Peter Alfred Petersen	R

26	Rui de Oliveira Guedes.	R
27	Rui Morais da Silva Duarte.	R
28	Américo Lopes de Freitas .	13
29	António Raúl Teixeira Pinto .	11
30	José Emídio Nunes de Oliveira Serrano .	T
31	José Luís Gomes Serra Gonçalves .	10
32	Leonel de Jesus Serra .	T
33	Silvério Augusto de Alpoim de S. Mendes.	11
34	António Ruy Gomes de Moura .	11

7.º ANO — TURMA A

Alínea b)

1	Eduardo Paiva de Oliveira .	R
2	Júlia da Fonseca de Sotto M. Pizarro .	17
3	Maria Fernanda Trabulo .	R
4	Maria de Lourdes Marques dos Santos .	R
5	Maria Paula Garcês Lopes .	R
6	Teresa de Jesus Vale .	R
7	Zilda Branco Tavares .	13

Alínea e)

8	Fernando Pólvora Dias .	13
9	Orlando Ferreira Rodrigues .	A

Alínea g)

10	António Pedro Andrade V. de Aguilar .	R
11	Artur Alberto Miranda Trindade .	R
12	José Carlos da Corte Pereira .	R
13	José Marques de Figueiredo .	R
14	Pedro José Alves da Cunha .	16
15	Victor João de Almeida e Sousa .	14

Alínea e)

16	João Guilherme Álvares Abranches Pinto .	R
----	--	---

7.º ANO — TURMA B

Alínea f)

1	Carmina Dias da Silva .	R
2	Edite Abreu Amaro .	R
3	Efigénia da Conceição F. S. do Amaral .	R
4	Ernestina de Freitas Coimbra .	R
5	Felismina da Conceição Araújo Basto .	16
6	Lisídia Maria Viegas Soares Freire .	R
7	Maria Floripes de Jesus Mendes Couto .	R
8	Maria José Segurado Rolão Candeias .	15
9	Maria Júlia de Freitas V. Monteiro .	16
10	Maria de Lourdes Amaral Henriques .	R

11	Maria Regina Leão Rodrigues de Sousa	13
12	Maria Severina Guerreiro Mourato Annes	15
13	Maria Zita de Almeida	R
14	Marieta Ribeiro dos Santos Ferreira	R
15	António Pedro Menezes de A. Lopes	R
16	Celso Cardoso Simões Alexandre	15
17	Fernando António de Albuquerque C. Seabra	R
18	Francisco António de Castro Correia.	R
19	Manuel Abreu Dias	R
20	Manuel Azevedo Ramos Pinto de Almeida.	R
21	Mário José Martins da Silva Mateiro.	R
22	Manuel José dos Santos Pereira	R

7.º ANO — TURMA C

1	Álvaro Edgar Vieira Nóbrega Ascenso	R
2	António Antunes da Cunha.	13
3	Carlos Eduardo Marques dos Santos.	R
4	Domingos Manuel Alves Quintino	15
5	Eduardo Augusto Baptista P. Medina.	R
6	Fernando Faria de Oliveira.	14
7	Higino Torres dos Santos Lopes.	R
8	João Baptista da Silveira M. Caria	R
9	João José Segurado Rolão Candeias	13
10	Jonas Malheiro	T
11	José de Almeida Abrantes	14
12	José Carlos de Araújo Ferreira Neves	12
13	José Girão Correia Bastos	R
14	José Manuel Camões Araújo	R
15	José Peyroteo Gomes.	R
16	Menezes Pedro Sachipengo.	R
17	Nono Jorge Bauleth	R
18	Otilio Teixeira Rodrigues.	R
19	Pedro Bento Garcês Rodrigues	R
20	Raúl Chagas Fernandes Ramos	R
21	Rui Manuel Antunes Cameira	R
22	Vasco Jorge Gonçalves de S. Martinho	R
23	Víctor António Agostinho Ribeiro	R
24	Cláudio Renato de Sousa Sobral	R
25	Artur José Pereira Ferreira.	11
26	Víctor Manuel Roberto de Sousa Fava	T
27	Edgar Albano Infante de Melo Wellenkamp	R

OBSERVAÇÕES — À frente do nome de cada aluno vai a sua classificação por valores. Mas, A, R, T, significam, respectivamente, que o aluno *anulou* a matrícula, ficou *reprovado* ou excluído; ou se *transferiu* para outro estabelecimento de ensino.

Regras de Estudo

(Adaptação articulada da obra «Àcerca do estudo eficiente» do Ex.^{mo} Snr. Dr. Rui Carrington da Costa, Professor do Liceu de Braga).

Para melhor aproveitamento, o aluno do Liceu «Diogo Cão», quando estudar, deve :

- 1.º) — Procurar lugar sossegado, sem ruídos perturbadores, bem arejado ou ventilado, com suficiente comodidade e bem iluminado ;
- 2.º) — Se a iluminação for artificial, deve ser suficientemente intensa, igual, sem oscilações, sem brilho que deslumbre e não deve aumentar a temperatura. De preferência, luz eléctrica ;
- 3.º) — A temperatura mais própria para o estudo não deve ser inferior a 17º, nem superior a 20º ;
- 4.º) — É prejudicial estudar na cama, o que, pelo menos, lhe cria hábitos preguiçosos ;
- 5.º) — Deve estudar sentado numa poltrona ou cadeira de espaldar, com o livro colocado sobre uma estante de mesa, ou outro apoio, formando com o tampo da mesa um ângulo de 40º a 60º. É inconveniente debruçar-se sobre o livro ;
- 6.º) — Não deve segurar o livro com as mãos ;
- 7.º) — Se, durante o estudo, sentir uma necessidade imperiosa de movimento, é conveniente que não fique imóvel, rígido, parado : deve satisfazer esse impulso motriz, dando, ou no local onde estuda, um passeio de 2 a 3 minutos ;
- 8.º) — Não deve começar a estudar logo a seguir às *principais* refeições, mas umas duas horas depois, para que a digestão não seja perturbada ;
- 9.º) — Evite fazer exercícios violentos após o estudo, como entrar em competições desportivas, ou jogos que obrigam a grandes esforços ;
- 10.º) — Não estude debaixo de fortes preocupações : nada aproveita. Deve esperar que passem ;
- 11.º) — Em vez de largos períodos de estudo em prolongada imobilidade, deve estudar por curtos períodos de 30 minutos ;
- 12.º) — Uma sessão de estudo não deve ultrapassar 4 períodos (2 horas), nem deve ter mais de 3 sessões de estudo por dia, mesmo nas vésperas de exames ;
- 13.º) — Nada há mais prejudicial para o estudo do que não dormir o bastante, nem ter o necessário repouso cerebral ;
- 14.º) — Convém estudar, sempre, no mesmo local e às mesmas horas ;
- 15.º) — Há pessoas que preferem estudar de manhã, outras à noite ; cada uma tem o seu temperamento e constituição e o rendimento do estudo varia com as pessoas. Seja como for, convém erguer cedo ;
- 16.º) — Se o seu tipo for de estudar de manhã, porque se fatiga menos e aproveita mais, estude de manhã. Se for de estudar à noite, estude à noite ;
- 17.º) — Se é de aconselhar estudar à noite, antes de ir para a cama, não é de aconselhar que se prolongue o estudo pela noite adiante nem que se tente vencer o sono quando este começa a fazer-se sentir ;
- 18.º) — Deve deixar-se o estudo preparado de um dia para o outro, ficando arrumado e em boa ordem todo o material escolar :

- 19.º) — O estudante tem, sempre, que estudar. A explicação da lição na aula, pelo professor, não dispensa do estudo em casa ;
- 20.º) — Estudar não é decorar o que se encontra nos livros, ou que o professor lecciona. É compreender. Não deve, pois, aprender-se de cór, mas fazer o possível por se compreender a lição ;
- 21.º) — Só pode compreender-se o que se lê, conhecendo o significado real das palavras lidas. Se não souber esse significado ou tiver dúvidas, consulte, *imediatamente*, um dicionário ou enciclopédia para ter conhecimento claro do seu significado ;
- 22.º) — Mas não basta o conhecimento do significado das palavras : há que o associar às palavras vizinhas, para se conhecer a relação entre cada termo e os outros — e essa relação deve ser lógica, aceitável e não disparatada ;
- 23.º) — Procurará destrinçar, em cada trecho ou lição, o *essencial* do *acessório*. Deve habituar-se a esta destrinça, exercitando-se a distinguir o essencial nos seus livros de texto, e concretizando-o numa pequena redacção ;
- 24.º) — Os conhecimentos que o estudante tem de adquirir fazem-se, geralmente, pela leitura dos livros ou compêndios. A leitura deve ser silenciosa. Mas, não compreendendo bem qualquer passo, deve lê-lo vagarosamente em voz alta e, se for preciso, mais uma vez ;
- 25.º) — Deve começar por ler toda a lição, de uma só vez, do princípio ao fim, para fazer uma ideia geral do assunto. Uns minutos depois, 10 pouco mais ou menos, fará uma segunda leitura, na qual procurará destrinçar as ideias essenciais e acessórias e anotará as dificuldades ;
- 26.º) — Nesta segunda leitura deve sublinhar os passos essenciais ou as dificuldades que precise de resolver ou estudar de novo ;
- 27.º) — Em terceira leitura abordará as dificuldades e tentará resolvê-las ;
- 28.º) — O estudo deve ser facilitado pela construção de esquemas, quadros sinópticos, desenhos, imagens simplificadas do que se quer estudar e que facilitam uma visão clara dos assuntos ;
- 29.º) — Tendo necessidade de dividir a lição em partes, para melhor compreensão, cada uma das partes que estuda deve referir-se, o mais possível, ao mesmo assunto ou ideia ;
- 30.º) — Sempre que interrompa ou termine a leitura ou estudo duma disciplina, ou parte de lição, deve guardar o intervalo de 10 a 15 minutos antes de recommençar ou continuar a leitura ou lição, ou de iniciar o estudo de outra ;
- 31.º) — Depois de uma ou várias leituras parciais deve fazer, de novo, uma leitura global, para estabelecer a junção das partes ;
- 32.º) — Tudo o que se estudou de essencial deve, de seguida, ser repetido por palavras próprias, evitando-se, tanto quanto possível, o emprego das palavras do livro, o que, às vezes, não pode de deixar de ser, como definições, enumerados de leis, etc. ;
- 33.º) — Convém «controlar» pelo livro a repetição, a fim de evitar reproduções defeituosas ou erradas, ou graves desvios de ideias ;
- 34.º) — Se a repetição for exacta, fiel e clara, aprendeu-se, fixou-se a lição. A fixação é muito ajudada pelas repetições, mas estas não devem ser, nem muito próximas, nem muito espaçadas ;
- 35.º) — Se a repetição não for exacta, nem fiel e for confusa — há que continuar o estudo até completo esclarecimento .

- 36.º) — Se a lição, que se quer repetir, custar a rememorar, devem fazer-se exercícios, pequenos esforços evocativos, com certos intervalos de repouso, e convém fazer perguntas, discussões, ter conversas sobre o estudo feito. É esta uma das vantagens do estudo feito em conjunto por dois ou mais estudantes, mas não muitos mais ;
- 37.º) — Sempre que, durante o estudo duma disciplina, se verificarem relações com outra ou outras, convém relembrar os factos ou fenómenos que tenham qualquer ligação com o estudo que se está fazendo ;
- 38.º) — Os trabalhos marcados para casa devem ser feitos depois de prévio estudo da matéria que diz respeito aos conhecimentos necessários a aplicar em tais exercícios, pois eles servem para verificar se está senhor do que se estudou ;
- 39.º) — Mesmo que não haja trabalho para casa, o estudante deve treinar-se fazendo exercícios e resolvendo problemas em que explique a matéria estudada, que é a melhor maneira de a dominar ;
- 40.º) — Se, nos exercícios e trabalhos de treino, em casa, tiver deficiências, consulte sobre elas o seu professor, para que ele o esclareça e conduza ao bom caminho ;
- 41.º) — Ao iniciar o ano lectivo, convém fazer, em casa, uma revisão da matéria de cada disciplina, estudada anteriormente, o que lhe permite entrar com mais facilidade no estudo que vai fazer ;
- 42.º) — Convém que o aluno, nas suas férias, faça boas leituras, e enriqueça o seu vocabulário, tanto de cultura geral como técnico.

Ofereço à ponderação dos alunos as normas dum JURAMENTO ESCOLAR de algumas escolas europeias e americanas.

- 1.º) — Nunca destruirei ou danificarei árvores e flores.
- 2.º) — Protegerei e tratarei os passarinhos e enterrá-los-ei quando morrerem.
- 3.º) — Respeitarei a propriedade alheia, para que me respeitem a minha.
- 4.º) — Usarei, sempre, linguagem correcta, moderada, cortez.
- 5.º) — Não mentirei.
- 6.º) — Respeitarei as pessoas mais idosas, as senhoras, os doentes e fracos e os mais novos, tendo para eles a consideração que merecem.
- 7.º) — Obedecerei às indicações das autoridades, mesmo dos seus agentes mais modestos, que não fazem, senão, cumprir ordens.
- 8.º) — Evitarei escarrar fora dos sítios edequados ou meter os dedos no nariz em público, pois o contrário é atentar contra a decência.
- 9.º) — Não atirarei papeis, pedras, desperdícios para os lugares públicos.
- 10.º) — Brincarei e folgarei, mas sem fazer barulho, porque o bem não faz barulho e o barulho não faz bem.
- 11.º) — Serei, sempre, pontual.

Ordem de Serviço N.º 42

15.º — Se recorde que o Ensino Liceal, nos termos do Decreto-lei n.º 36.507, revestirá carácter simultaneamente humanista, educativa e de preparação para a

vida, pela determinação, disposição e conteúdo das disciplinas, pela selecção dos métodos e pela utilização de outros meios adequados, tendo por objectivo ministrar a cultura mais conveniente para a satisfação das necessidades comuns da vida social, a par dos fins de revigoração físico, de aperfeiçoamento das faculdades intellectuais, de formação do carácter e do valor profissional e de fortalecimento das virtudes morais e cívicas, além de preparar para a sequência dos estudos e ingresso em escolas superiores.

Para tal, exerce o professor a sua acção, tratando os alunos com afabilidade como determina a alínea e) do art.º 170.º e inculcando nos alunos a ideia da assistência com aplicação aos exercícios escolares, execução dos trabalhos de que forem incumbidos pelos professores, do comportamento, nas aulas e fora delas, com o respeito devido a professores, funcionários e empregados e manutenção, sempre, dentro e fora do Liceu, do decoro devido à escola.

Pode ser, porém, que os alunos não adquiram, com facilidade, os necessários hábitos de trabalho e de bom comportamento, pelo que o Estatuto determina que sejam puníveis, por serem considerados infracções à disciplina, quaisquer actos ou omissões contrárias aos deveres dos alunos, como consta do seu art.º 377.º, n.º 1.

A punição, que, como acto disciplinar, deve revestir o carácter suasório, nos termos do art.º 373.º, e paternal, nos termos do art.º 377.º, n.º 2, não é, pois, a defesa da sociedade e, muito menos, a sua vingança, (atitude indigna do professorado), mas, sim, a atitude correctiva, para emenda de defeitos e aquisição de bons hábitos.

São meios ao alcance do professor a admoestação e a ordem de saída da sala onde se realizam os exercícios escolares (ou a falta de castigo), nos termos do art.º 375.º.

Pode, porém, acontecer que estes processos não sejam eficazes.

Ou por anormal dificuldade em seguir o curso liceal, ou revelação de excepcional aptidão para outra espécie de estudos, e, neste caso, o Estatuto, pelo seu art.º 306.º determina que o Conselho Disciplinar dê ao encarregado de educação o conselho que julgar mais conveniente.

Ou por incapacidade de dominar instintos preponderantes, uns que não permitam a formação, pelas vias normais, da personalidade do aluno, outros, que, pela sua natureza anti-social, o tornem perigoso e temível.

Nestes casos, as penalidades evoluem, da mera correcção persuasiva para a segregação temporária da sociedade escolar, o que é medida de defesa social e não compete a sua aplicação ao Professor, (cuja missão moral é persuasiva e paternal), mas a um tribunal *ad hoc*, que é o Conselho Disciplinar.

Se as reacções provocadas no espírito do aluno punido, pela sua exclusão temporária, forem de valor moral, se, nele, despertarem a vergonha e o desejo de se emendar, o aluno, regressa ao seio da sociedade liceal, emendar-se-á, e convém que os Professores o estimulem no sentido de perseverar no bom caminho, afavelmente, paternalmente, com «injecções de ânimo».

Se forem ineficazes os esforços dispendidos para sua regeneração, e prevalecerem os piores instintos, a sociedade liceal terá de defender-se, eliminando, definitivamente, o elemento pernicioso.

Se ao Conselho Disciplinar cabe a punição, ao Conselho de Professores da turma, ou do ano, nos termos do art.º 374.º, cabe o julgamento da conduta do aluno em cada período lectivo, tendo em vista, não tanto a pena sofrida, como o arrependimento e os esforços feitos para melhorar a conduta.

O Estatuto, estabelecendo os castigos, no seu art.º 375.º, limitou o âmbito de acção dos Professores e do Conselho Disciplinar, proscrivendo os castigos corporais, em qualquer dos seus aspectos de contundência física, torturas, privações de liberdade ou outras, como proscreeu as penas pecuniárias, salvo o rateio, por danos de autor indeterminado, estabelecido por despacho de Sua Excelência o Governador Geral.

Partiu-se, pois, dos princípios de que os alunos do liceu reagem a meios

que incidam sobre a sua sensibilidade afectiva e racional, tendo, já, ultrapassado a fase da sensibilidade física; e de que uma penalidade pecuniária, affectando a economia doméstica, não provocaria no prevaricador a reacção suficientemente forte para a sua auto-correcção, se dela fosse susceptível.

Na aplicação de penalidades, tanto da parte dos srs. Professores como do Conselho Disciplinar, deve ter-se em conta, pois, o determinado na lei, a que ninguém pode sobrepor-se, introduzindo outros castigos na escala de castigos.

Mas é por demais lembrar que são precisas muita arte e muita prudência para castigar útilmente crianças, de mentalidade menos desenvolvida e comprehensiva do que a dos adultos e nem sempre provenientes de meios superiormente elevados.

No entanto, nenhuma falta, nenhuma omissão, nenhuma violação das convenções, que são normas da vida liceal, deve ficar impune, posto que a sanção possa ser a mais leve, mas sempre destinada a provocar um remorso pelo acto cometido e o desejo de reforma de conduta.

Ordem de Serviço N.º 5

2.º) — Cada Ex.^{mo} Senhor Director de Ciclo, estude, com os Ex.^{mos} Senhores Professores e, depois, com os alunos de cada ano, as possibilidades de organizar a *feira escolar* de cada ano. Essa feira escolar de cada ano deve ter uma feição educativa e útil, reflectindo o proveito colhido no ensino ministrado, sem descuidar o lado recreativo e agradável. Assim, para os primeiros anos, deverá constar de recitações, leituras expressivas, exposições dos seus cadernos e diversos trabalhos, e, ainda, das suas habilidades teatrais e pictóricas, se for caso disso; e nos outros anos, meios adequados, mas, sempre, educativos.

Esta feira escolar de cada ano pode coincidir com a Exposição do fim do ano, mas não deve confundir-se com ela.

Como regra fundamental, a feira escolar de cada ano deve ser estruturada de tal modo que o seu fecho corresponda, sensivelmente, à hora de jantar habitual das famílias dos alunos, visto que as outras feiras, de que os alunos gostam, com baile pela noite dentro, com *jazz-band* ou equivalente, não são feiras escolares, embora estejam na tradição das feiras académicas desta cidade e representam aspectos da vida social.

Estudadas as possibilidades das respectivas feiras, nos termos acima, cada Ex.^{mo} Sr. Director de Ciclo apresentará à Reitoria, com a possível brevidade, um esboço do programa da feira a realizar.

Circular N.º 116

O Estatuto do Ensino Liceal determina que :

O Professor do Liceu tem o dever de fiscalizar a boa ordem e conservação dos cadernos-diários, lançando neles as observações que entender convenientes para assegurar o perfeito contacto com os encarregados de educação (art.º 170, alínea p).

Os alunos devem levar sempre para as aulas os cadernos-diários relativos às diferentes matérias, para neles registarem os sumários dos trabalhos de cada dia (art.º 358.º) já que a comparência nas aulas sem o caderno-diário é equiparada a falta de presença, salvo o caso de cabal explicação (art.º 362).

Mais, diz, que o Governo pode, por meio de portaria, prescrever modelos uniformes para os Cadernos-Diários (art.º 358.º), o que ainda se não verificou.

O **CADERNO DIÁRIO** é reconhecido como um excelente instrumento de trabalho servindo, simultaneamente, para registo de sumários, apontamentos, correcções de exercícios e observações dos professores sobre aproveitamento e comportamento, servindo, assim, também, para informar os encarregados de educação da vida escolar dos alunos.

Neste sentido se tem manifestado a Inspeção do Ensino, recomendando que :

1.º Todas as vezes que um aluno seja chamado à lição, ou insistentemente interrogado, para efeitos de registo de classificação, o professor averbará no Caderno-Diário e na lição do dia, a nota que lhe atribuir, nos termos do art.º 368.º do Estatuto : *Mau* (0 a 4 valores), *Medíocre*, (5 a 9), *Suficiente* (10 a 13) *Bom* (14 a 17), *Muito Bom* (18 a 20).

Nessa altura fará um rápido exame do Caderno-Diário verificando e instruindo sobre a sua escrituração, e rubricará, datando, a nota que o aluno mereceu.

2.º Sempre que a classificação seja inferior a *Bom*, exigirá que o encarregado de educação *visé* o Caderno-Diário no local onde a nota foi aposta.

3.º Todos os exercícios escritos, serão, logo que entregues, integrados e fixados nos Cadernos-Diários sendo aplicável à classificação deles o que consta no n.º anterior.

4.º A falta de Caderno-Diário, implicará a sanção constante do disposto do art.º 362.º do Estatuto do Ensino Liceal, cabendo aos Senhores Professores responsabilidade pelo seu não acatamento.

Em alguns Liceus da metrópole distribuem-se aos alunos Regras da Escrituração dos Cadernos-Diários, com a finalidade de metodizar, com certa uniformidade, o seu uso.

Essas regras vão ser distribuídas aos alunos deste Liceu, e aos Ex.^{mos} Srs. Professores, mais como sugestão para o que possam fazer, melhorando a escrituração e registo dos Cadernos-Diários, do que como normas imperativas.

Regras da escrituração dos Cadernos Diários

- 1.^a) — O Caderno Diário deve andar em dia e vir para as aulas, sempre que haja aula da respectiva disciplina.
- 2.^a) — As lições são numeradas e datadas.
- 3.^a) — De preferência deve escrever o número da lição numa linha e a data na linha imediata.
- 4.^a) — Seguidamente, deverá escrever o Sumário da lição, ditado pelo professor.
- 5.^a) — No Caderno Diário registam-se os apontamentos colhidos pelo aluno durante a lição, as observações que faça, as experiências que realizou ou viu realizar, e convém que, a par da redacção de notas, fórmulas e exercícios, faça desenhos do que viu, ou gráficos auxiliares se for caso disso.
- 6.^a) — Salvo indicação em contrário, os trabalhos de casa far-se-ão em casa, a seguir à lição em que forem marcados.
- 7.^a) — Feito o registo das lições e o trabalho de casa que lhe corresponda, fecha-se cada lição com um traço que a separe, nítidamente, da lição imediata.
- 8.^a) — Os exercícios feitos na aula arquivam-se no Caderno Diário, presos de modo que não se soltem e percam.
- 9.^a) — O Caderno Diário deve andar limpo, bem escriturado. apresentável.

apesar de ser um instrumento de trabalho escolar, e evitar-se-á escrever fora das suas linhas, nos topos e margens, ou escrever acavaladamente.

10.^a) — Todos os erros marcados no Caderno Diário serão corrigidos em trabalhos de casa, consoante as indicações dadas pelos respectivos Professores.

A correcção será mostrada ao Professor na aula imediata.

11.^a) — Em trabalho de casa, o aluno escreverá, sempre, as respostas certas às perguntas dos exercícios a que não respondeu ou a que deu respostas erradas.

12.^a) — Quando o professor, porventura, faltar, o aluno fecha a lição com um traço e abre a lição imediata.

13.^a) — Quando o aluno falta (o que só pode acontecer em caso de força maior) escreverá a seguir à palavra *SUMÁRIO*: «Faltei a esta aula», e copiará, do Caderno Diário dum condiscípulo, o sumário e apontamentos da lição a que tiver faltado.

14.^a) — É expressamente proibido emprestar o Caderno Diário ou pedi-lo emprestado. Quem precisar do Caderno Diário dum condiscípulo vai a casa dele, depois de combinarem quando deve ir, e lá se utiliza do Caderno Diário.

15.^a) — A omissão destas regras revela desleixo e implica sanções.

Regras para triunfar na vida

1.^a — Não esperes pelo momento favorável; cria-o.

2.^a — Quem dá a um rapaz energia e conhecimento do alfabeto, não pode prever até onde ele chegará.

3.^a — Não pares, nunca, um minuto da tua vida. Se um homem de valor, como Gladston, trazia sempre um livro na algibeira receoso de deixar fugir um instante só da sua existência, que não deverá fazer uma pessoa comum — tu, por exemplo — para evitar perder tempo?

4.^a — Não tenhas outra preocupação senão a de escolheres uma carreira: «Para que serves?» é a pergunta do século.

5.^a — Concentra a tua energia num fim invariável. Não alimentes vãs hesitações. Não penses em coisas diferentes ao mesmo tempo, mas numa só, obstinadamente.

6.^a — Não percas o teu tempo em devaneios ácerca do passado ou do porvir mas sê atento em aproveitar o momento presente.

7.^a — Sê bem humorado e habitua-te a encarar alegremente a vida.

8.^a — Sê delicado. O homem delicado pode dispensar-se de ser rico; todas as portas lhe serão abertas e irá a toda a parte sem gastar.

9.^a — O melhor talento não vale mais do que o bom tino e o senso comum. No decorrer da existência é o senso comum que conduz à vitória.

10.^a — Respeita-te a ti próprio e tem confiança em ti. É o melhor meio de inspirar aos outros os mesmos sentimentos.

11.^a — Trabalha ou morres! É a divisa da Natureza. Se deixares de trabalhar, morrerás intelectual, moral e fisicamente.

12.^a — Tem firmeza de carácter, pois daí virá o êxito dos teus esforços.

- 13.^a — Apaixona-te pela exactidão. Vinte coisas mal feitas não valem uma só bem feita.
- 14.^a — A tua vida será o que tu quizeres : o Mundo restitue-nos o que lhe dermos, de bom ou de mau.
- 15.^a — Aprende a tirar proveito da tua derrota : não desanimes !
- 16.^a — Coisa alguma é superior à persistência. O espírito que hesita e taceia, cansa-se e cede ; mas o persistente tem a certeza de triunfar.
- 17.^a — Procura ter uma saúde firme, corpo resistente, ágil e forte, bases duma vida longa. A primeira condição do êxito é ser um « bom animal ».
- 18.^a — Sê breve e decidido. Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.
- 19.^a — Não dispendas dinheiro antes de o teres ganho e não compres nada pelo simples facto de ser barato, se não precisares.
- 20.^a — Respeita e estima os teus superiores, iguais e inferiores, para que os mesmos te respeitem e estimem. Poderás ter neles apoio amigo e oportuno, para os momentos difíceis.

Circular N.º 294

Nos termos da alínea m) do art.º 23.º do Decreto n.º 38.812, de 2 de Julho de 1956, queira V. Ex.^a convocar para a próxima semana a reunião do Conselho de Ciclo da mui digna Direcção de V. Ex.^a, principalmente para os fins consignados na alínea l) do mesmo artigo.

Convém que V. Ex.^a dê a conhecer aos Ex.^{mos} Senhores Professores e lhes recomende a escrupulosa observância da Circular n.º 94/11/56, de 12/11/956, da Inspecção do Ensino Liceal, do Ministério da Educação Nacional, cujo teor se transcreve :

« Tem esta inspecção verificado que alguns professores registam faltas a alunos, por motivos como estes : — « Não terem o Caderno rubricado pelo encarregado de educação » — « Não terem o Caderno em dia » — « Não entregarem a fotografia pedida pelo professor » — etc .

Ora, sendo o actual regime de faltas (Art.º 361.º do Estatuto) tão rigoroso que basta uma falta não justificada para o aluno não poder ter a classificação de Bom em comportamento, e considerando que os casos em que é permitido marcar falta a um aluno presente à aula, são apenas os taxativamente indicados no Art.º 362.º do mesmo Estatuto, chama-se a atenção :

1.º — A TODOS OS PROFESSORES :

- a) — Não são de marcar faltas a alunos por estes não trazerem os CADERNOS rubricados pelos encarregados de educação, ou por não apresentarem fotografias ;*
- b) — Não é lícita a marcação de faltas por os alunos não terem o Caderno Diário em dia, salvo nos casos de sistemática recusa de preenchimento, que possa equiparar-se a ausência do Caderno Diário ;*
- c) — Quando um aluno entrar na aula, depois de esta começar, munido de qualquer documento justificativo, o professor deve entregar esse documento ao respectivo Director de Ciclo, a quem compete julgar as faltas dos alunos nos termos legais ;*

2.º — AOS DIRECTORES DE CICLO :

O escrupuloso cumprimento do Art.º 23.º Alinea i) do Decreto

38.812, de 2 de Julho de 1952, impõe-lhes a missão de julgar as faltas dos alunos e vigiar pela execução de tudo que respeita ao registo, justificação e participação de tais faltas».

- 2) — Também é de lembrar, a todos os professores, que estão, rigorosamente, proibidas quaisquer atitudes de represálias, ameaças, ou mesmo má vontade para com os alunos; e, da mesma forma, é vedado aos professores comentar jocosa, irónica ou acrimoniosamente, as respostas que dêem às perguntas que lhes façam, ou manifestar espantada estranheza em face de qualquer erro, por mais grave que ele pareça, ou mostrar impaciência demasiada e perturbadora, ou, ainda, tomar qualquer atitude que possa, de qualquer modo, ferir o aluno, cuja personalidade há que desenvolver.
- 3) — Deve, ainda, recomendar-se, a todos os professores, moderação quanto a trabalhos a fazerem em casa, os quais não devem absorver, em demasia, tempo de estudo que cumpre distribuir, equitativamente, por todas as disciplinas.

Ordem de Serviço N.º 41

2) Sendo as excursões um adjuvante do ensino e meio da acção educativa, convém recordar que, nos termos do Art.º 435.º do Estatuto, não terão carácter espectacular ou de mero passeio ou diversão, mas sempre objectivos pedagógicos e educativos. Na realidade, as excursões satisfazem múltiplas necessidades de indiscutível valor para a obra educativa; e, entre outros, sob o ponto de vista intelectual devem suscitar o espírito de observação, como, sob o ponto de vista moral, devem estreitar relações amistosas entre professores e alunos e suscitar o espírito de solidariedade escolar e hábitos de ordem e método.

Convém, pois, embora sucintamente, lembrar que as excursões têm a sua metodologia própria, devendo ser preparadas cuidadosamente, adaptando-se plano de trabalhos e fixação de objectivo nítido e preciso; estabelecendo-se o percurso do itinerário; organizando-se material educativo: cadernos de apontamentos, etc.; e esclarecendo-se os alunos acerca dos aspectos gerais, ou, mesmo, particulares, dignos de nota e curiosidade, que se encontrarão no decorrer da excursão. Não deve descuidar-se a duração e momento da sua realização, número de alunos que tomam parte e em tudo devem participar os alunos, sob a direcção do Director da excursão. A este cabe fomentar a formação do espírito associativo, organizando uma sociedade por-cotas entre todos os participantes e fazendo depositar numa caixa económica as quantias obtidas para os gastos da excursão.

Realizada a excursão, convém tirar todo o partido dela, consagrando uma ou mais aulas a examinar e ordenar o material recolhido, a notar, explicar e completar as observações feitas e a organizar e fixar as recordações mediante redacções, exposições e palestras ou conferências, de preferência pelos alunos.

Nos termos da lei, as excursões são ordenadas pelo Reitor, ouvido o Conselho disciplinar, pelo que nenhum professor pode tomar a iniciativa da sua organização, mas, sim, sugerir à Reitoria a sua realização, que será devidamente estudada.

Decálogo do bom desportista

I

Na alma o valor
No corpo o vigor

O bom desportista vê no desporto meio de valorização global da sua personalidade, do seu carácter, da sua vontade e do seu corpo.

II

Alicerces construídos
Muros e tectos erguidos

O bom desportista não divorcia o desporto dos restantes meios de educação física. Considera-os um todo ; tais meios identificam-se na sua finalidade formativa e distinguem-se na processologia e na oportunidade da sua acção.

III

Tem sempre um sentido vão
A palavra sem acção

O bom desportista, em condições normais de saúde, não tem limite de idade para a respectiva actividade, e procurará praticá-la pela vida fora, como meio higiénico e recreativo indispensável à saúde do corpo e do espírito, desde que sujeito, sistematicamente, às possibilidades estruturais e funcionais do seu organismo.

IV

Há que lutar
Para vencer ou alcançar

O bom desportista aprecia a competição ; o esforço que ela requer, o carácter emocional da luta que proporciona, o perigo consciente e previsível a que, com frequência, o sujeita, a vitória, enfim, que deve ser a recompensa dos melhores. Não a considera, porém, como o objectivo exclusivo ou essencial da sua actividade, mas como a consequência natural do treino a que se submeteu.

V

A obra que é preparada
Sai melhor realizada

O bom desportista ama o treino que o encaminha para a prática metódica, progressiva e racionalmente orientada e fiscalizada de toda e qualquer modalidade e o obriga a normas de higiene e de conduta de vida, tendentes a valorizá-lo nas suas finalidades. O treino é, assim fundamentado, insubstituível de todo o desporto e, em particular, do de competição.

VI

Onde a vontade puseres
Alcançarás o que queres

O bom desportista não é agente inconsciente e passivo do treino a que se sujeita, mas o melhor fiscal da sua própria actuação. É factor essencial no tri-nómio da colaboração médico-pedagógica em educação física, no qual o médico e o treinador são, como orientadores e fiscalizadores desse treino, os restantes elementos. O desportista é o único capaz de eliminar as soluções de continuidade que o treino e o «contrôle» médico-pedagógico, sistematicamente oferecem

VII

Bom ambiente respira
Quem no bom senso se inspira

O bom desportista não adere ao desporto profissional, dado que as exigências deste não se compatibilizam, com frequência, com as do desporto educativo. Considera-o uma profissão que, como as restantes, impõe deveres e oferece regalias, mas que não se harmonizam com os princípios tradicionais e formativos do desporto amador.

VIII

As atitudes e os actos
São sempre os nossos retratos

O bom desportista ama o seu clube e integra-se na orgânica desportiva nacional, mais por acções que por palavras, pelo cumprimento das suas normas regulamentares e pela excelência do seu comportamento desportivo.

IX

Apanágio de quem vale :
Dizer bem do seu rival

O bom desportista não vê, no seu adversário de momento, um inimigo, mas um camarada e o melhor colaborador de uma causa comum : do desporto nacional e internacional. A melhor demonstração que pode dar da perfeição da sua personalidade desportiva e da sua integração na ética do desporto está no respeito que lhe merece o adversário e na total lealdade que para com ele usa.

X

Quantas vezes o perder
Não sobreleva o vencer ?

O bom desportista deseja a vitória, mas com honra e dignidade. Mas, tanto nela como na derrota, poderá publicamente vincar aquela outra, que, por excelência, o dignificará : a do espírito sobre a matéria, a da razão sobre os instintos, a do respeito integral da sua e da personalidade alheia.

Síntese

Corpo são : vida ideal
Alma sã : vida imortal

O decálogo do bom desportista é o código de conduta daqueles que praticam o exercício físico a bem da valorização e do aperfeiçoamento da unidade indivisível : espiritual e material, que é o homem.

Aviso

Lembra-se aos Srs. examinandos que, sendo o exame uma prova em que o Estado Português, por meio dos seus Agentes, os Senhores Professores, verifica os seus conhecimentos e lhes outorga um diploma, devem comparecer no exame com o decoro condigo.

Pelo que, e tendo em vista a Ordem de Serviço N.º 22, de 1 de Maio de 1959, deste Liceu, se determina que devem comparecer a exame :

- 1.º — Ou com a farda da M. P. (ou outra, oficial).
- 2.º — Ou de capa e batina ;
- 3.º — Ou de casaco e gravata.

Prémios

Foram atribuidos os seguintes diplomas :

1) De assiduidade

(ALUNOS SEM NENHUMA FALTA)

1.º ANO — TURMA A

4 — Georgina da Purificação Coelho; 6 — Idalina Soares de Oliveira; 14 — Maria Elisa Sampaio; 15 — Maria Emília de Araújo Silva; 18 — Maria Fernanda dos Santos Saraiva; 26 — Maria Rosa Prim Ferreira de Faria.

1.º ANO — TURMA B

2 — Amílcar Moisés Ferreira Sequeira; 18 — João Carlos Carneiro Ferreira; 38 — João Raúl Gomes Bettencourt Coelho.

2.º ANO — TURMA A

2 — Ana Maria Gonçalves Boloto; 4 — Carminda de Jesus Andrade Seco; 6 — Isabel Maria Falcão Rodrigues; 10 — Maria do Ceu Marques de Magalhães; 13 — Maria da Conceição Gomes Sena; 19 — Maria Helena Martins; 21 — Maria Ireneia Moita Melo; 23 — Maria Luísa Rocha Cabral; 26 — Maria Raquel Carneiro Portela Guimarães.

2.º ANO — TURMA B

15 — Manuel Inácio Antunes Pinto; 24 — Rui José Grilo do Amaral Espinha; 28 — José Manuel Ramos Gardete Correia.

3.º ANO — TURMA A

2 — Idalina de Magalhães; 5 — Licínia Maria Pita de Campos; 7 — Lubélia Marques Rangel; 10 — Maria de Jesus das Dores Alves Carvalho; 13 — Maria Isabel Neves de Almeida Viegas; 17 — Maria Luísa Bento de Magalhães; 20 — Maria Margarida Simões Telo; 21 — Maria Paula Mourisca Simões Pardo de Oliveira; 24 — Zélia do Rosário Rodrigues B. Mendonça; 36 — Francisco Manuel Marreiros da Silva Vieira.

3.º ANO — TURMA B

38 — Reinaldo Urbano de Lima e Sousa.

4.º ANO — TURMA A

2 — Dória Maria Duarte; 9 — Maria Esperança da Silva.

4.º ANO — TURMA B

22 — Renato José de Castro Sousa; 24 — Timóteo Alves Gouveia; 26 — António Norberto Teixeira Monteiro.

5.º ANO — TURMA A

1 — Beatriz Joyce de Jesus Domingues Tavares; 4 — Fernanda Branco Martins; 33 — Victor Manuel Torres Pontes.

6.º ANO — TURMA A

21 — Maria Camélia Ribeiro Luís.

6.º ANO — TURMA B

14 — Maria João Neto Vargas Lopes; 16 — Maria José Neto Vargas Lopes.

2) De Aproveitamento

ALUNOS COM NOTA DE BOM (14 OU MAIS VALORES) EM CLASSIFICAÇÃO FINAL

1.º ANO — TURMA A

7 — Isabel Maria Monteiro dos Santos.

1.º ANO — TURMA B

1 — Alvaro José de Oliveira Marques de Miranda.

2.º ANO — TURMA A

2 — Ana Maria Gonçalves Boloto; 3 — Carminda de Almeida Patinha; 13 — Maria da Conceição Gomes Sena; 15 — Maria de Fátima Baltazar de Almeida; 19 — Maria Helena Martins; 21 — Maria Ireneia Moita e Melo; 22 — Maria Isabel de Oliveira Marques de Miranda; 25 — Maria Olívia Ribeiro de Carvalho; 26 — Maria Raquel Carneiro Portela Guimarães; 28 — Zélia Maria Martins Alves; 29 — Maria Rosi Graciette de Abreu Duarte.

2.º ANO — TURMA B

11 — Joaquim Sebastião Reis Ascenso; 12 — José Manuel Ferreira Dias Paulo; 14 — Júlio Manuel Borges Rodrigues; 15 — Manuel Inácio Antunes Pinto; 16 — Manuel Luís Rodrigues da Silva; 20 — Paulo Jorge Rodrigues Fernandes; 22 — Pedro Manuel Leão Rodrigues de Sousa; 24 — Rui José Grilo do Amaral Espinha.

2.º ANO — TURMA C

2 — Albérico de Jesus Leite Gomes; 17 — Higino José Rodrigues; 21 — José Humberto Correia de Freitas; 31 — Artur Manuel Tavares Costa.

3.º ANO — TURMA A

25 — António Sérgio Duarte Pousada.

5.º ANO

1 — Beatriz Joyce de Jesus D. Tavares; 2 — Cacilda de Jesus dos Santos; 5 — Madalena Maria Galiano Vaz Pereira; (1) 7 — Maria Clementina Rosado Rodrigues; 10 — Maria Helena Monteiro Agostinho; 13 — Amadeu Correia de Almeida Marques Estaca; 20 — Carlos Alberto Viegas Godinho; 26 — Jorge Alves Pires; (2) 30 — Mário Magalhães Borges Alexandrino; 33 — Victor Manuel Torres Pontes.

6.º ANO — TURMA A

13 — Manuela Gonçalves Ferreira; 16 — Rui Joaquim Cabral Cardoso das Neves.

6.º ANO — TURMA B

8 — Maria Clotilde de Oliveira Fortunato; 28 — José Antunes Pinto; 32 — Maria Fernanda da Costa Correia da Silva.

7.º ANO — TURMA A

2 — Júlia Henriqueta da Fonseca de Sotto-Maior Pizarro; 14 — Pedro José Alves da Cunha; 15 — Víctor João de Almeida e Sousa.

7.º ANO — TURMA B

8 — Maria José Segurado Rolão Candeias; 9 — Maria Júlia de Freitas Vieira Monteiro; 12 — Maria Severina Guerreiro Mourato Anes; 16 — Celso Cardoso Simões Alexandre.

(1) Só fez exame da Secção de Letras.

(2) * * * * * Ciências.

7.º ANO — TURMA C

4 — Domingos Manuel Alves Quintino; 6 — Fernando Faria de Oliveira;
11 — José de Almeida Abrantes.

No 3.º ciclo não foram considerados os casos dos alunos repetentes ou dos que, tendo anulado a matrícula ou reprovado em algumas disciplinas, tiveram classificação de Bom nas restantes.

Consideraram-se, porém, as classificações finais dos alunos, mesmo que tenham aproveitado a segunda época de exames.

Foram, ainda, distribuídos, como prémios aos alunos, diversos livros, oferecidos pelas livrarias locais, pelo escritor Mauricio Soares e pelo Instituto de Angola, que, também, ofereceu um prémio pecuniário de 500\$00 atribuído à aluna Júlia Henriqueta Sotto Maior Pizarro, finalista mais classificada.

Infelizmente, não houve aluno algum deste liceu em condições de ser proposto aos prémios nacionais a que se refere o artigo 333 do Estatuto do Ensino Liceal.

Concurso do Infante D. Henrique

A este concurso concorreram sete alunos que foram classificados do seguinte modo:

1.º — Prémio do 3.º ano — António Luís de Abreu Alves (pseudónimo *Lusitano*)

1.º — Prémio do 6.º ano — Maria Olímpia de Matos Moreira (*Ligia*)

2.º — Prémio do 6.º ano — Rui Joaquim Cabral Cardoso das Neves (*Anastacio-Fagundes Cerejeira e Pancrácio*)

3.º — Prémio do 6.º ano — Manuela Gonçalves Ferreira (*Tse-Tsung*)

Aos quatro restantes:

Luís Lobo Couto Alves (*Deserto*), do 3.º ano; Maria do Carmo da Costa Nóbrega (*Miriam del Marco*), do 6.º ano; Elsa Maria Camacho (*Salema*) do 6.º ano,

a Reitoria resolveu atribuir, em classificação ex-æquo, um prémio hors-concours, destinado a recompensar as suas faculdades de inteligência e trabalho.

Excursão a Moçambique

Os finalistas do Liceu realizaram uma excursão à Província de Moçambique, tendo partido de Sá da Bandeira em 5 de Março.

A propósito, transcrevemos do n.º 194 do «*Jornal da Hui-la,*» a notícia da partida:



*O Sr. Director Provincial dos Serviços de Instrução de Moçambique e professores do Liceu de Lourenço Marques
com os excursionistas do Liceu «Diogo Cão»*

Numa excursão patrocinada pelo Governo-Geral de Angola, que, para o efeito, concedeu 230 contos, seguiram para Moçambique. a bordo do «Pátria», saído de Moçâmedes ontem, quarenta estudantes setimanistas do Liceu «Diogo Cão», de Sá da Bandeira, e mais quatro professores do mesmo estabelecimento de ensino.

Na 3.^a feira, à tarde, véspera da sua partida para Moçâmedes, os excursionistas, acompanhados do reitor do Liceu, sr. dr. Falcão Machado e dos professores Srs. Drs. Higino Vieira e Manuel Roberto de Matos e das professoras Sr.^{as} Dr.^{as} D. Margarida Adelaide Pinto e D. Maria Helena Pitté Arez, estiveram no gabinete do sr. Governador do Distrito a apresentar cumprimentos de despedida.

Falou, em primeiro lugar, o sr. dr. Falcão Machado, pondo em evidência o carinhoso interesse que o Chefe do Distrito dispensou à iniciativa e pedindo-lhe para ser o intérprete, junto do sr. Governador-Geral, dos agradecimentos da reitoria do Liceu e de todos os componentes da excursão pelo decidido apoio que o supremo magistrado de Angola deu à ideia da visita a Moçambique, pela primeira vez, de um tão numeroso grupo de estudantes angolanos.

O sr. dr. Falcão Machado garantiu, também, que os rapazes e as raparigas do Liceu «Diogo Cão», radiantes pela viagem, compreendiam, todavia, a responsabilidade da sua missão e saberiam, por isso, apresentar-se, em toda a parte, com a maior compostura, com o melhor aprumo, de modo a prestigiarem não só o seu Liceu e a cidade de Sá da Bandeira como, em especial, a Província de Angola.

O sr. Governador do Distrito, agradecendo as palavras que lhe foram dirigidas, elogiou a acção desenvolvida pelo sr. dr. Falcão Machado no desempenho do seu cargo e exprimiu o desejo de que tudo decorra impecavelmente e com a ordem e brio que é lícito esperar-se de uma embaixada académica que vai representar Angola na Província irmã de Moçambique.

Depois de ler um telegrama recebido do sr. Governador-Geral, que reproduzimos mais abaixo, e de acentuar, a propósito dos termos usados na redacção desse telegrama, que um pai não aconselharia melhor os seus filhos, o sr. inspector Hortênsio de Sousa evocou Cape-Town, «cidade da União Sul-Africana mas de história portuguesa», como disse, e vários locais de Moçambique por onde os excursionistas hão-de passar.

«Afirma-se — continuou o sr. Governador do Distrito — que Angola é a mais portuguesa de todas as províncias ultramarinas, mas eu conheço bem o portuguesismo de Moçambique, esse portuguesismo que vocês irão apreciar e admirar, e posso garantir que os portugueses de lá não são menos portugueses do que os de cá, porque portuguesas, no mais elevado sentido da palavra, são todas as províncias de Portugal».

A seguir, o sr. Governador do Distrito falou de Lourenço Marques, dos encantos e da importância do seu porto, lembrando aos presentes que iriam encontrar naquela cidade alguns angolanos ilustres, citando um deles — o sr. Emílio Simões de Abreu —, por ser huilano.

Conhecedor profundo da Província de Moçambique, onde viveu durante anos, percorrendo-a em todas as direcções como inspector administrativo, o sr. Governador Hortênsio de Sousa traçou, ainda, algumas imagens felizes da Beira e da pitoresca ilha de Moçambique, onde — disse — se devia desembarcar de joelhos e não de pé.

«Em Moçambique, de ruas muito estreitinhas, tudo nos fala da nossa gloriosa presença em África. Moçambique é terra sagrada de Portugal porque por lá passaram muitos dos grandes vultos da nossa história e lá residiram os vice-reis da Índia».

Texto do telegrama do Chefe da Província recebido no Governo do Distrito

«Recomendo Vexa seja comunicado alunos Liceu excursão Moçambique meus votos de que tenham boa viagem e saibam apreender tudo que virem e ouvirem sendo indispensável mantenham melhor compostura e mais extrema disciplina e correcção cumprindo rigorosamente instruções lhes sejam dadas professores seguem excursão. Espero juventude Sá da Bandeira represente dignamente Angola em Moçambique — GERAL».



Na manhã do próprio dia da saída para Moçâmedes, os rapazes, de capa e batina, e as raparigas, muitas delas com o trajo de blusa branca e saia cinzenta, que todas envergarão à chegada a cada uma das cidades compreendidas no programa da excursão, apresentaram cumprimentos de despedida ao sr. Bispo da Diocese, ao sr. presidente do Município aos dois órgãos da Imprensa local e ao Rádio Clube da Huíla.



Na gare do C. F. M., repleta de pessoas, viam-se os srs. Governador do Distrito, Comandante Militar, Bispo da Diocese, Presidente da Câmara e muitas outras entidades oficiais e particulares, bem como professores de todos os graus de ensino e muitos alunos.



A todos os excursionistas reiteramos os nossos votos de boa viagem e de muitas felicidades.



Além do subsídio de 230 contos, a que aludimos logo de início, concedido pelo Governo-Geral, participam também nas despesas da caravana escolar o Governo do Distrito, com 10.000\$00, a Câmara Municipal de Moçâmedes, com 5.000\$00, e os próprios excursionistas, cada um deles com 300\$00».

Os componentes da Excursão constam da seguinte lista, publicada no n.º 911 do Jornal «A Huíla,» de 7-4-1959:

I) — Professores efectivos

1.º grupo: Dr. Higino Vieira — Director da Excursão. Natural da Câmara de Lobos (Madeira).

2.º grupo: Dr.^a D. Margarida Adelaide Pinto, de Lisboa.

3.º grupo: Dr. D. Maria Helena Pitté Arez, de Lisboa.

6.º grupo: Dr. Manuel Roberto de Matos, de Montalvão, Nisa.

II) — Alunas (14):

Carminda Dias da Silva, de Albergaria — Metrópole; Edite Abreu Amaro, de Pereira d'Eça — Angola; Efigénia da Conceição Fernandes S. Amaral, de Vila Nova — Angola; Ernestina de Freitas Coimbra, Moçâmedes — Angola; Júlia da Fonseca Sotto-Maior Pizarro, de Nova Lisboa — Angola; Lisídia Maria Viegas Soares Freire, de Faro; Maria Fernanda Trabulo, de Foz Coa; Maria José Segurado Rolão Candeias, de Mourão; Maria Júlia Freitas Vieira Monteiro, de



Estudantes de Lourenço Marques e de Sá da Bandeira em confraternização

Chibia — Angola; Maria de Lourdes Marques dos Santos, de Luanda — Angola; Maria Paula Garcez Lopes, de Sá da Bandeira — Angola; Maria Regina Leão Rodrigues de Sousa, de Lisboa; Teresa de Jesus Vale, de Guarda; Zilda Branco Tavares, de Sá da Bandeira — Angola.

III) — Rapazes (26):

Álvaro Edgar Vieira Nóbrega Ascenso, Moçâmedes—Angola; António Antunes da Cunha, da Guarda; António Pedro Andrade Valente Aguilar, de Sá da Bandeira — Angola; Artur Alberto Miranda Trindade, de Moçâmedes — Angola; Carlos Eduardo Marques dos Santos, de Luanda — Angola; Cláudio Renato de Sousa Sobral, de Chibia — Angola; Domingos Manuel Alves Quintino, de Albufeira; Eduardo Augusto Baptista Pereira Medina, de S. Vicente-Cabo Verde; Fernando António A. de Carvalho Seabra, de Lisboa; Fernando Faria de Oliveira, de Caála — Angola; Fernando Pólvora Dias, de Lisboa; Higino Torres dos Santos Lopes, de Benguela — Angola; João Baptista da Silveira Menezes Caria, de Nova Lisboa — Angola; João José Segurado Rolão Candeias, de Mourão; José de Almeida Abrantes, do Lobito — Angola; José Carlos de Araújo Neves, de Matozinhos; José Carlos Pereira, de Humpata — Angola; José Manuel Camões de Araújo, de Sá da Bandeira; José Manuel Peiroteu Gomes, de Sá da Bandeira — Angola; Manuel de Abreu Dias, de Sá da Bandeira—Angola; Manuel Ramos Pinho de Almeida, de S. João da Madeira; Menezes Pedro Sachipengo, de Andulo — Angola; Nono Jorge Bauleth de Moçâmedes — Angola; Raúl Chagas Fernandes Ramos, de Maquela do Zombo — Angola; Vasco Jorge Gonçalves de Sousa Martinho, de Lobito — Angola; Victor António Agostinho Ribeiro, de Castro Marim.

O Plano de Excursão, completamente realizado, foi o seguinte:

Dia 4 — Partida, de Sá da Bandeira, em auto-motora.

Dia 5 — Embarque, em Moçâmedes, a bordo do paquete «PATRIA».

Dia 8 — Visita à cidade do Cabo (U. Sul Africana).

Dia 9 — Passagem do Cabo de Boa Esperança, palestra do aluno Fernando Pólvora Dias e recitativos do episódio do GIGANTE ADAMASTOR, pelas alunas Lisídia Freire, Júlia Monteiro e Zilda Tavares; idem de Bocage, pelo aluno Nono Bauleth.

Dia 11 — Visita à cidade de Lourenço Marques; discursos de saudação pelo aluno Raúl Ramos e pelo prof. Dr. Higino Vieira.

Dia 14 — Visita à cidade da Beira; discursos de saudação pelo aluno Artur Trindade e pelo prof. Dr. Higino Vieira.

Dia 16 — Visita à cidade de Moçambique; discursos de saudação pelo aluno Vasco Martinho e pelo prof. Dr. Higino Vieira.

Dia 23 — Partida de Lourenço Marques, a bordo do paquete «PATRIA».

Dia 26 — Visita à cidade do Cabo.

Dia 30 — Desembarque em Moçâmedes.

Dia 1 — Regresso a Sá da Bandeira.

Da generosa e fidalga acolhida da Excursão em Moçambique, muito havia que dizer.

Desta excursão se fez largo relato no «Jornal da Huíla», n.º 202, de 3-IV-1959 e seguintes.

O seu rendimento foi consubstanciado numa palestra pro-

ferida em 10-IV pela professora Dr. D. Margarida Adelaide Pinto, alunas Maria Julia Pizarro e António Pereira Medina e uma exposição de recordações.

Além dos jornais «A Huíla» e «Jornal da Huíla», a Imprensa de Angola e de Moçambique se referiu largamente, a esta excursão.

A Escola, Sagrada Oficina das Almas

Na abertura solene das aulas do Liceu Nacional de «Diogo Cão», de Sá da Bandeira, efectuada no dia 10 de Setembro, o sr. dr. Falcão Machado proferiu uma oração de «sapiência», subordinada ao tema «A Escola, Sagrada Oficina das almas».

No seu memorável discurso aos vanguardistas, em 28 de Janeiro de 1934, o Sr. Presidente do Conselho, o prof. dr. Oliveira Salazar, perguntava :

«Onde está a escola, a sagrada oficina das almas, sobretudo a Universidade, a fábrica espiritual portuguesa, que há-de educar os homens para governarem e serem governados, e fazer a própria ciência do governo, para maior glória e progresso da Nação?» (1)

Foi, então, pela primeira vez, que se definiu a escola, como Sagrada Oficina das Almas e é um pequeno ensaio exegético do pensamento de Salazar, em relação a problemas escolares, que me proponho fazer neste momento.

A escola é uma instituição da educação; e convém saber que, no plano educativo, do pensamento salazariano, se insere como órgão de função suplementar.

Com efeito, para Salazar, o principal factor da educação é a Família. «Afirmo que a educação é da competência e da alçada da família, a Constituição Portuguesa quis exprimir não só o pensamento de que o Estado não pode fazer obra educativa contrariamente ao espírito da família de que a criança proveio, mas o de que a educação se deve fazer principalmente no seio familiar.

A acção da escola seria neste caso, isto é, no caso de existência e competência educadora da família, meramente suplementar. O ponto está no reconhecimento dessa competência, de que há muitas vezes motivo para duvidar» (2).

Mas, logo de entrada se põe um aspecto problemático: o da existência da competência educativa da família.

Salazar, neste ponto, não se encontra só. Baumgarten fez reparos à correcção da educação; Riou entende que a família não está preparada para intervir acertadamente na educação dos filhos; Dubois acusa os pais e as mães indulgentes, apreensivos ou neuróticos, de impedirem o desenvolvimento da educação, criando complexos ou doenças mentais; Freemann pede atenção para a anormalidade dos pais, emocionalmente contagiosa, que pode influir gravemente na educação dos filhos; Blatz ensina que educação na criança é um peso morto se não se contribue para a educação dos educadores, dos quais estão mais em foco os pais, que devem ser ajudados; Carrell, denunciando a traição das mulheres em face da função educativa no lar, apontou os erros dos pais educadores e suas causas; Freud também aponta consequências nefastas da educação paterna na formação do super-ego da criança. E fiquemos por aqui.

A educação, para Salazar, é a formação do homem integral, corpo, inteligência, vontade (3); e, neste ponto de vista está de acordo com os mais sãos critérios dos melhores tratadistas e educadores.

No caso português, tendo em vista que o nível, o valor, o apreço em que são tidas as colónias portuguesas em país estrangeiro, se deve à conservação das qualidades básicas da raça e à sua valorização ao contacto e sob a acção e

estímulo de diferente meio social, Salazar pensa que uma grande acção educativa se pode realizar através da modificação das condições de trabalho e de vida, o exemplo das coisas feitas mais do que a seca pregação dos princípios (2).

Sob o ponto de vista corpóreo, Salazar entendeu que a pontencialidade procriadora da raça e as suas condições de resistência física, diminuían sensivelmente; e que, para tal combater, para resolver satisfatoriamente este problema, era preciso ir do combate às doenças sociais até à protecção da mãe e da criança, desde a alta dos salários e a higiene das condições de trabalho até ao ensino do governo doméstico, e à elevação da vida familiar, desde a generalização da instrução até à maior disciplina moral, desde os jogos ao ar livre até ao maior contacto com a natureza, senão mesmo ao regresso sistemático ao campo e às suas virtudes (4).

Dentro deste vasto programa social a que se deu realização, senão total, pelo menos em grande parte, surge um elemento novo que se integra no conceito educativo: a instrução, que Salazar deseja ver generalizada.

Enquanto a educação tem uma finalidade formativa da personalidade, do homem integral, a instrução procura a formação cultural e técnica e o seu fim acaba por ser a preparação do homem especializado para o trabalho.

Dada a problemática competência da família para o exercício da função educativa e a necessidade de ordenar a actividade da gente portuguesa, seja a actividade intelectual, seja a económica, o Estado reivindica para si a instrução e a educação da mocidade (5).

A Escola é, pois, o órgão do Estado Português destinado à instrução e educação da juventude nacional. A sua função educativa advem-lhe do facto do Estado ter chamado a si a obra educativa que, em princípio, caberia à Família.

A sua função de instrução resulta da necessidade de organizar estudos técnicos, que a família não pode ministrar.

Através da Escola o Estado forma no homem integral, o seu corpo, a sua inteligência e a sua vontade, como já vimos.

A escola, pois, está apetrechada, na economia pedagógica, para tal tarefa, mediante adequadas disciplinas, postas ao serviço de todo o conjunto da população portuguesa, que é uma realidade objectiva da Nação Portuguesa, cujo reconhecimento é a primeira exigência da política nacional. Foi deste axioma que nasceu o célebre aforismo: «Nada contra a Nação, tudo pela Nação» (6), proferido, pela primeira vez, no memorável discurso de 21 de Outubro de 1929.

Daqui resulta que a Escola tem uma finalidade, nacionalista, patriótica; que a sua função é formar portugueses, criando o sentimento da consciência nacional entre aqueles que a buscam, e aos quais incumbe uma atitude, um sentimento nacional, qual a disposição de trabalhar pela Nação, qual o apreço, o amor do que é português.

Mais, ainda: Salazar, como voz do Governo, não compreende, não pode consentir que a Escola Portuguesa, velada ou claramente, por actos positivos ou por omissão dos seus deveres, trabalhe contra Portugal, ajudando os inimigos da sua civilização. Não reconhecendo liberdade contra a Nação, contra o bem comum, contra a família, contra a moral, quere «pelo contrário, que a família e a escola imprimam, nas almas em formação, de modo que não mais se apaguem, aqueles altos e nobres sentimentos que distinguem a nossa civilização e profundo amor à sua Pátria, como o dos que a fizeram e pelos séculos fora a engrandeceram» (7).

Esta característica nacionalística da Educação e da Escola, diversas vezes acentuada por Salazar, fora, já, afirmada por Garret, também por Serras e Silva. Gustavo Ramos e Carneiro Pacheco procuram applicá-la nas escolas portuguesas com as suas reformas de ensino.

Mas, a Escola não pode ser, unicamente, nacionalista, e, como tal basear na História e na Tradição, exclusivamente, a sua pedagogia. Para Salazar, a Escola tem outra finalidade, e muito importante, adentro da sua função educativa: a de procurar modificar o carácter nacional, para melhor garantir do futuro da

grei. «A possibilidade de modificação, ao menos parcial, do carácter nacional por via da educação não me parece duvidosa. Deus fez as Nações curáveis, ensina a Escritura, seguramente através de homens que têm outras qualidades, outros pensamentos e melhores acções.

O difícil é encontrar aquele segredo por meio do qual se actuará eficazmente e rapidamente, no modo de ser dos homens. Porque há que não fechar os olhos à dificuldade da empresa, em que têm de colaborar a família, a escola, o meio social, a mesma direcção da coisa pública, pois não julgo estar equivocado quando penso que, se o Governo, a administração, a reforma pública não são tudo, exercem, no entanto, uma larga influência nos costumes, na maneira de encarar os problemas da vida, na educação, em suma» (8).

Através de alguns textos de Salazar podem encontrar-se algumas directrizes que Salazar reputa essenciais para a formação da personalidade portuguesa.

Já vimos o que pensa quanto ao problema da capacidade física. Vimos, também, que atribuíra à formação da inteligência e da vontade, grande importância...

Dediquemos a nossa atenção ao que Salazar pensa da formação da sensibilidade.

Um desses aspectos é a religião. A formação religiosa, tem o seu papel a desempenhar». Nós, porém, não devemos exigir à religião uma tarefa que excede a sua esfera de acção, nem responsabilidades que não podem pertencer-lhe. A necessidade do infinito, natural na criatura humana, deve ser satisfeita pela religião: a fé preencherá um vácuo da alma. Ela traz, igualmente, a força da vida interior, o apoio do sobrenatural à vontade que vacila. E isto, sem contar o benefício da fé, considerando apenas as coisas no plano natural e humano. A religião projecta a luz do além no espírito que hesita diante dos problemas transcendentais da vida e da morte, e, por nos ensinar uma regra destinada a ser vivida, consegue, ainda, dar-nos, como uma segunda natureza, o hábito da acção conforme a moral. Todavia não lhe devemos pedir mais do que espírito de caridade e de justiça.

Não exijamos à religião normas completas, soluções concretas para o Governo do mundo, direcção dos povos e formação dos homens!... A religião será preciosa para o homem de ciência e para o rústico, o homem de acção externa ou de vida interior, em todas as épocas e latitudes.

Para os seres incultos, representará a única cultura superior. Será como uma luz que brilha no céu a marcar uma direcção e definindo limites. Os caminhos da vida devemos, porém, descobri-los por meio do nosso engenho, com esforço, com dor, os olhos fixos nas estrelas, os pés na terra! Falando por outra forma: a educação é uma obra humana que pode ser poderosamente ajudada pela fé, mas que, a meu ver não é nem pode ser exclusivamente religiosa» (9).

Posto o problema da contribuição religiosa para a obra da formação da sensibilidade da alma portuguesa, vejamos outra contribuição, não menos importante: A beleza da Arte.

Salazar considera a beleza alimento indispensável do espírito. Sente e lamenta que Portugal seja, neste momento, tão pobre no campo das artes. E apesar dos progressos realizados pelos escultores e decoradores, reconhece que não possuímos grandes pintores nem architectos, que tenham feito escola e que, tanto o teatro como a produção literária não tenha conseguido alargar os seus horizontes. E, dentro deste estado de coisas, um dia disse: «Seria lamentável que nós não deixássemos, por herança, já não digo orgulhosamente um estilo, mas uma maneira bem portuguesa e bem actual ou, exprimindo-me de outra forma, que através da multidão de obras edificadas não ficasse, contrastando com a ameaça materialista, a marca de uma época de sacrifício e de trabalho intenso».

Pois bem. O mal não é português: é universal. Por um lado, a corrente que predomina na juventude é o tecnicismo: seja a formação técnica, especia-

lizada, de disciplinas concretas e assuntos materiais científicos, seja a formação dessas técnicas especiais que se chamam crítica e história que consistem na análise dos textos e dos factos.

Por outro lado, a criação artística e literária seguem, hoje, correntes novas, novas directrizes, em busca de novos cânones de beleza, novos estilos, novas formas de expressão de beleza: trata-se duma longa caminhada de cubismos e dadaísmos, futurismos e abstraccionismos; surrealismos e extencionalismos; e, até, as tentativas do teatro, do teatro experimental, do teatro de poesia, de fantasia, de vanguarda, tudo reacções ao chamado gosto e cultura portuguesa.

Enquanto se não assentar em conquistas seguras no campo da Arte e das Belas Letras, enquanto se não considerarem seriamente, as muitas tentativas de pintores e músicos, architectos e literatos, escultores e dramaturgos ou registas, e se não apoiarem e auxiliarem, não haverá possibilidades de se mudar panorama, mesmo que se façam — como entre nós se fizeram — importantes reformas das escolas de Arte Aplicada e Belas Artes, e se faça um mecenismo mais inclinado a proteger os que imitam os clássicos do que os que se libertam da influência clássica e procuram criar.

Seja como for, Salazar tem razão: a beleza que dimana da arte é um grande factor educativo.

Terceiro aspecto da formação da nova sensibilidade, extraí-o, muito vago, muito difuso, do pensamento de Salazar: é o combate que há que opor à sentimentalidade doentia que leva o povo português, pela doçura da raça e dos costumes, a reagir contra o castigo, em vez de reagir contra o crime.

Trata-se de um estado de espírito, feito de solidariedade, de compromisso, de convivência, que vai dum extremo ao outro em cada campo, tornando muito difícil a aplicação da extrema legalidade (11).

Talvez que o remédio seja a revolução moral — revolução da nossa mentalidade e dos nossos hábitos — revolução necessária que passará do pensamento para a consciência, da consciência para a acção, como um hábito, uma forma de compreender e de viver a vida nacional; mas só nesse momento seremos outros e estaremos salvos (12), como afirmou no discurso proferido em 28 de Maio de 1939.

Ainda dentro do pensamento Salazarista, evoco o modo como terminou o discurso de 28 de Abril de 1941:

— «Tenhamos confiança! Tenhamos fé na lealdade própria e alheia, na ordem, no trabalho, na serenidade e seriedade com que havemos de encarar os problemas e acudir às dificuldades. Confiemos sobretudo, mais que na força das armas, na coesa e firme unidade nacional, no profundo e vivo amor à Terra portuguesa, naqueles altos exemplos, valores da nossa história e ideias da nossa civilização, que o ferro não mata e o fogo não pode destruir» (13).

Relevem-se, do discurso, palavras-chaves: Lealdade, ordem, trabalho, serenidade, seriedade, coesa e firme unidade nacional. valores da nossa história e ideias da nossa civilização.

Tudo ideias, ideias - forças que devem ser motores da educação portuguesa e da acção da Escola.

Outros discursos nos mostram mais elementos educativos.

Assim, foi evidenciado o valor da utilidade, da justiça e da responsabilidade, no discurso de 5 de Setembro de 1940 (14), e o da personalidade portuguesa, no discurso que proferiu em 25 de Junho de 1952, e de que vou apresentar uns excertos:

«É pois necessário defender a unidade nacional e defender também aquele atributo a que... chamei personalidade afirma-se por qualidades próprias, por vocações decididas, por serviços marcantes, pela forma inconfundível de pensar, de sentir, de actuar na colectividade nacional, através de ideias, de fórmulas, de novas soluções... Se ter literatura, arte, ciência, forma de indústria, costumes e modos de ser, prisma e luz própria para ver ou interpretar os fac-

tos, sentir o mundo, regular ou viver a vida, não é suficiente para garantir a independência política, devemos pensar que seremos em tudo nós e não outros, é a primeira condição de não nos confundirmos».

«Consideremos como elemento de defesa moral o poder criador de um povo dentro do seu carácter e personalidade, e por isso apelamos para os investigadores, os homens de ciência ou simples estudiosos, para todos os criadores de beleza, os escritores e os artistas, os homens de iniciativa e trabalhadores de qualquer ramo de actividade: que, no redobrar de esforços exigidos por esta época de ressurgimento, se não desprendam do que em nós é comandado pela natureza ou pela história, ou pelas qualidades de inteligência e coração, para, sendo do nosso tempo, sermos da nossa terra» (15).

Nesta página admirável, Salazar rende culto à vocação e aos serviços, ao pensamento e ao sentimento, à actuação, à iniciativa, ao trabalho.

Ora, todas estas qualidades estão relacionadas com a Escola, que as cria, revela, desenvolve ou aperfeiçoa.

Mesmo a vocação.

Salazar, no seu discurso de 30 de Dezembro de 1930, escreveu:

«Acontece muitas vezes que a gente se engana no rumo da vida e se sente depois acorrentado a uma actividade que não se quadra ao seu feitio e a exigências que não são as que pode satisfazer. Devem ser muito raras as pessoas aptas ou preparadas para tudo, e concebe-se que cada género de vida exija certa queda, como diz o povo, vocação, como dizem os intelectuais — no fundo as qualidades indispensáveis para o exercício de uma função, a íntima harmonia entre formação do nosso espírito e o espírito da nossa profissão».

«A vida não é um brinquedo, mas escusa, também, de ser o fardo que muitos levam, curvados sob peso com que não podem, escravizados a uma sina que não compreendem. Ela é, ela deve ser apenas uma coisa séria: para tanto tem que ter um conteúdo, ser realização tão perfeita quanto possível, de certo ideal».

Pois bem. A Escola, hoje, dispõe de métodos, relativamente aperfeiçoados, que permitam a escolha da carreira, com menores probabilidades de engano e de que se torne, pois, a vida, o fardo com que se não pode.

E neste sentido, como nos demais, formação de carácter e de personalidade, espírito de seriedade e consciência nacional, evocação da tradição e da história, como exemplos duma conduta com idealismo, desenvolvimento da inteligência, aperfeiçoamento da afectividade, fortalecimento da vontade e do querer determinado, florecimento da caridade temperando as asperezas da justiça, mas sem mórbidas violências — neste sentido, repito, é que a Escola é a Sagrada Oficina das Almas.

Desenvolvimento da inteligência pelo primado do raciocínio lógico, que conduz o engenho; aperfeiçoamento da afectividade, pelo culto da Beleza e da Religião; fortalecimento da vontade pelo equilíbrio do sistema nervoso, serenidade e seriedade, capacidade de iniciativa e de acção, dentro dum salutar portuguesismo, tal é a tarefa desta Sagrada Oficina das Almas.

Atitudes honestas, bom senso, coragem, disciplina, amor ao trabalho, independência moral, respeito pelos outros, amor de Deus e da Pátria, eis o que vos promete a Sagrada Oficina das Almas.

Forma homens portugueses.

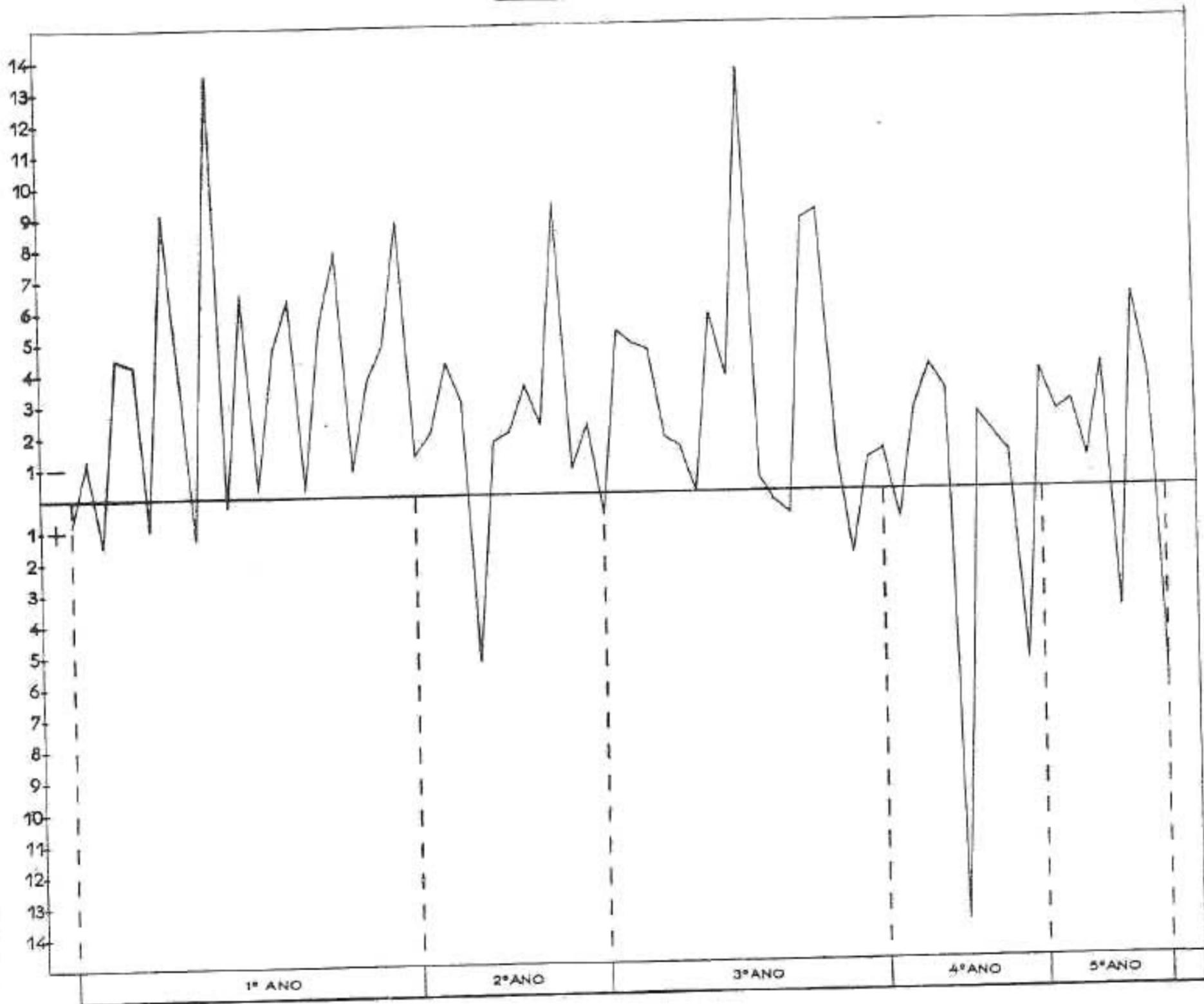
Informa-os do que devem fazer e aprender para se tornarem bons profissionais.

Inculca-lhes certo idealismo e cultura, compreensão da vida e da utilidade social, amor à Pátria.

São obreiros desta Oficina os professores. Cada um tem a sua personalidade própria e não há dois iguais. Mas, nesta diversidade de temperamentos e de caracteres, une-os uma finalidade comum: **Servirem**.

Servirem, instruindo e educando. Ensinando e dando exemplos pessoais.

GRÁFICO DOS DESVIOS POR IDADES DENTRO DE CADA ANO
DE FREQUENCIA



Formando e informando. Preparando homens para a vida e futuros trabalhadores para essa mesma vida.

Desenvolvendo a inteligência, a afectividade e a vontade. Criando, em suma, portugueses, elos duma cadeia que une o passado ao futuro. Mas urge que os que saiam desta oficina vão tornados homens de vontade — que saibam o que querem e como obtê-lo, legal e honestamente.

Saibam realizar os esforços necessários para triunfar na luta pela vida.

E, entra aqui a Oficina Sagrada em conflito com a extremosíssima Família, com as mães amantíssimas: Estas procuram poupar aos filhos o esforço que os tornaria viris, fortes. A Escola, por intermédio do seu ensino fundamental e das suas obras circum-escolares, procura fortalecer-lhes o carácter, a inteligência, a vontade e o corpo pela pedagogia do esforço.

Nisto, ainda estamos com Salazar, no seu discurso de 28 (1) 1934:

«As mães, o colégio, a escola que há quarenta anos punham todo o seu empenho, em criar, mimosos e débeis, ao abrigo de todas as dificuldades, os futuros cidadãos, formariam hoje homens infinitamente desgraçados... Se a escola compreende o nosso tempo e a revolução em marcha, em Portugal, ...há-de educar-vos a vontade para que saibais querer, no duplo sentido desta expressão, vontade firme, há-de dar-vos a preparação necessária para o esforço útil, a aptidão para um trabalho real e, melhor ainda, se fordes hábeis em mais de uma coisa. Há-de formar-vos o espírito forte para tudo: porque é preciso receber com calma os golpes da vida, suportar as agruras da adversidade, seguir com fé o seu destino, sacrificar-se pelo bem comum e sentir, com isenção, com lealdade, com nobreza, diante da Pátria, o orgulho e a «glória de sofrer» (16).

O carácter sagrado da Oficina das Almas, na frase feliz de Salazar, vem-lhe da missão de criar o homem novo, o português novo, mais homem de pensamento reflectido que impulsivo, mais homem de acção mediata e decidida do que caprichoso e abúlico, mais homem de sentimentos estáveis, em que asente uma justiça temperada pela caridade, do que um afectivo instável que, pela bondade excessiva, cometa injustiças de deploráveis efeitos.

Nos longos trinta anos de Salazarismo, pouco se tem feito neste sentido: custa muito extirpar defeitos secularmente tradicionais; nem sempre se aplicam os melhores métodos; quase sempre se desconhecem os tópicos da doutrina de Salazar.

A Escola, este liceu, iniciando um novo ano lectivo, vai dar mais um passo, uma contribuição nesse sentido. Que ela seja plenamente aproveitada são os nossos melhores desejos de modesto obreiro da Sagrada Oficina das Almas.

Salazar, *Discursos*, I, 1928-34 Coimbra, pag. (1), 302; (4), 270; (6), 34; (7) 309; (16), 306.

Garnier, *Férias com Salazar*, Lisboa, 1952, pag. (2), 110; (3), 111; (8), 109; (9), 111; (10), 195; (11) 193.

Salazar, *Discursos*, 111, 1938-33, Coimbra, 1944, pag. (5), 235; (12), 161; (13), 300; (14), 282; (15), 337.

Profissões paternas

As profissões dos pais dos alunos deste liceu, no ano lectivo de 1958-59 foram as seguintes:

Advogados	7	Barbeiros	1
Agentes técnicos	2	Capatazes	2
Agricultores	19	Carpinteiros	2
Agrónomos	2	Ceramistas	3
Ajudantes de culto	1	Comerciantes	106
Alfaiates	4	Compositores tipográficos	4

Condutores de trator	1	Guarda-fiscais	2
Construtores navais.	1	Guarda livros	14
Contínuos	3	Guarda de Polícia	1
Dentistas	1	Industriais	36
Desenhadores	1	Jornalistas	1
Despachantes de mercadorias.	4	Juiz	1
Donas de casa.	24	Marítimos	1
Electricistas	3	Médicos.	8
Empregados comerciais	28	Mestres de oficina.	1
Empregados bancários	9	Ministros de culto não ca- tólico	4
Empreiteiros de obras e ser- viços	3	Motoristas	6
Enfermeiros	9	Oficiais do Exército.	12
Engenheiros	10	Pedreiros.	4
Entalhadores	1	Pintores da construção civil	2
Estofadores	1	Professores de Ensino :	
Farmacêuticos	1	Liceal	5
Ferreiros	1	Primário.	12
Ferrovários	9	Técnico	7
Fiscais.	4	Proprietários Agrícolas	4
Funcionários :		Regentes Agrícolas	2
Administrativos	14	Sargentos do Exército.	10
Aduaneiros	1	Serralheiros	3
De Fazenda	1	Solicitadores.	2
Municipais	6	Técnicos de Rádio-difusão.	1
Postais	4	Topógrafos	4
Não discriminados	74	Torneiros de metais.	1
Funileiros	1	Tratadores de gado	1
Gerentes comerciais	5	Veterinários	8

A «Avaliação das Ocupações» como elemento de integração social (1), não dá resultados perfeitamente utilizáveis, na sua aplicação ao meio social local e regional, porque afluem, a este liceu, estudantes das mais variadas proveniências, deixando os progenitores nos locais donde procedem.

A análise destes dados, principalmente por comparação com os de outros anos, permite concluir que a percentagem de progenitores sem preparação liceal e exercendo profissões de trabalho manual revela uma tendência para a formação duma corrente ascendente de metabolismo social (2).

Este trabalho não pode fazer-se neste Anuário; mas fica como sugestão para futuros trabalhos sociológicos.

(Pesquisa e conclusões das professoras Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Márcia Trabulo, D. Maria Delta Caldeira Menezes e D. Maria Francisca Correia da Silva).

(1) Paul Descamps — *La sociologie Expérimentale*. Paris — 1933, p. 72

(2) Conrado Gini — *Metabolismo Social* s. l. s. d..

Vida espiritual através de leituras na Biblioteca

A Biblioteca é pública, com tempos de leitura durante o período lectivo diário, como a biblioteca de qualquer liceu, e fora desse período.

Como biblioteca liceal, frequentada durante o período lectivo diário, mostra o seu movimento o quadro seguinte:

Frequência da Biblioteca

Ano	LEITORES			REQUISIÇÕES		
	V.	F.	Total	V.	F.	Total
1.º	22	23	45	27	38	65
2.º	25	14	39	48	30	78
3.º	25	23	48	103	68	171
4.º	15	14	29	67	35	102
5.º	10	7	17	40	37	77
6.º	29	26	55	111	73	184
7.º	35	17	52	153	71	224
Totais	161	124	285	549	352	901

Exceptuando no 1.º ano, a frequência de alunos é superior à das alunas, embora por vezes, ligeiramente (4.º ano).

Com a mesma excepção, os alunos fazem mais requisições do que as alunas.

É difícil explicar a depressão de leitores do 4.º e 5.º anos, mas talvez possa correlacionar-se com a preparação para exames, nomeadamente a do 5.º ano.

Esta depressão tem correspondente depressão no cômputo das requisições.

Por anos e por alunos/alunas, os livros mais requisitados foram :

1.º ANO

Alunos — *Contos*, de Grimm
Alunas — *Nasceu uma Princesinha*,
de Maria de Figueiredo

2.º ANO

Alunos — *Contos*, de Grimm
Alunas — *Aventuras da Carochinha
Japonesa*, de Emilia Costa
O Corcundinha, da Condessa
de Ségur.
Contos, de Grimm
Traquinas, da Condessa de
Ségur

3.º ANO

Alunos — *As mil e uma noites*
O pequeno heroi, de Ellery
Parker
Alunas — *Nasceu uma princesinha*,
de Maria de Figueiredo
A pequena princesa, de Ma-
ria Laura
As Pupilas do Sr. Reitor,
de Júlio Dinis

4.º ANO

Alunos — *Ivanhoé*, de Walter Scott
Alunas — *Filha de Príncipe*, de Max
du Veuzit
O Grande Segredo, de Ma-
gali

Um Segredo Ardente, de
Stefan Zweig

O teu coração não engana,
de Magali

Psicologia do adolescente,
de Mário Gonçalves Viana

5.º ANO

Alunos — *Terra Bendita*, de Pearl
Buck

Alunas — *A Cidadela*, de A. J. Cronin
A Mãe, de Pearl Buck

Terra Bendita, de Pearl
Buck

6.º ANO

Alunos — *O crime do Padre Amaro*,
de Eça de Queiroz

Alunas — *Noites de vigilia*, de A. J.
Cronin

Ivanhoé, de Walter Scott

7.º ANO

Alunos — *A 25.ª Hora*, de C. V.
Gheorghiu

O Homem, esse desconhecido,
de A. Carrell

Quo Vadis?, de Henryk
Sienkiewigs

Alunas — *Noites de Vigilia*, de A. J.
Cronin

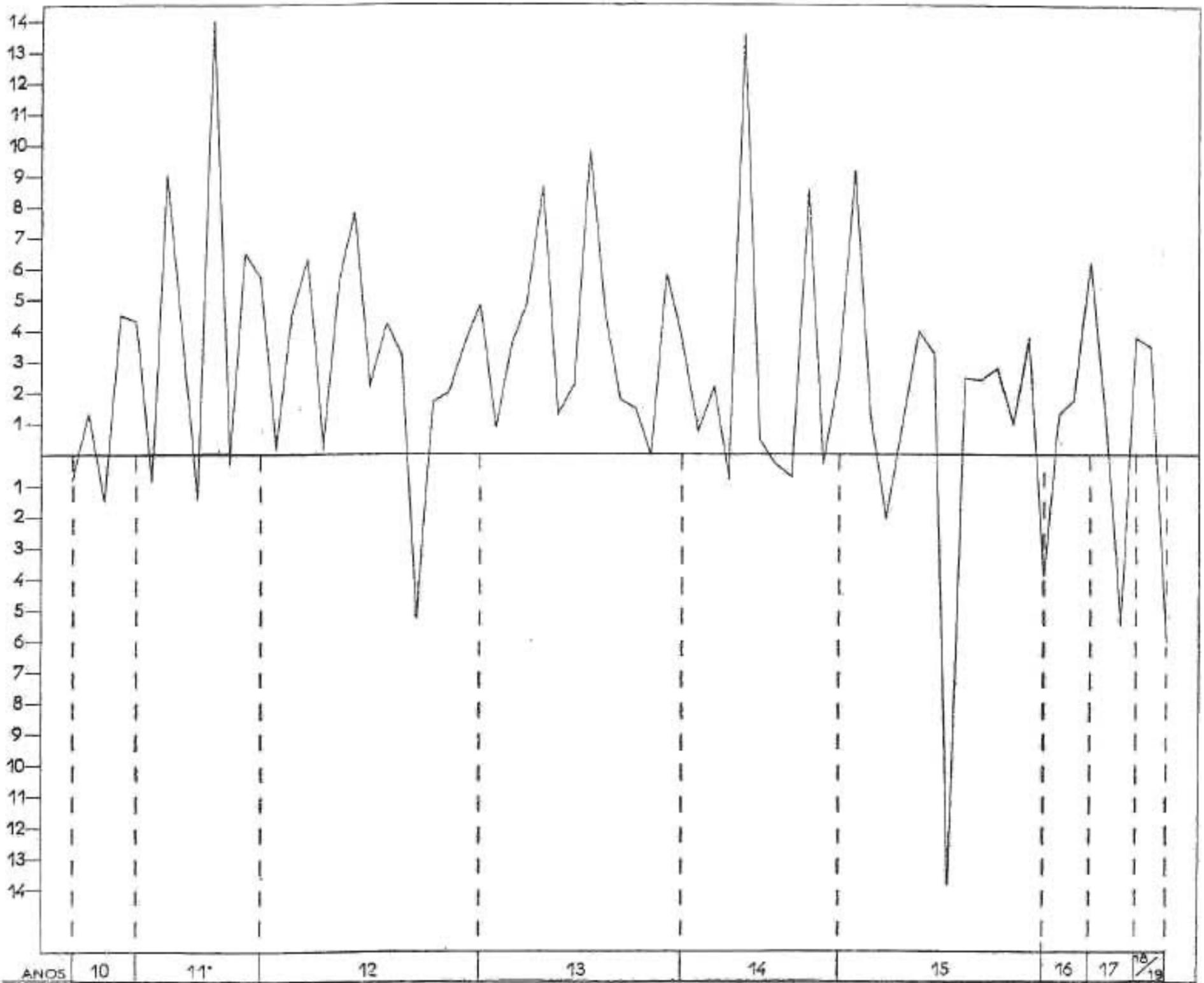
A Serva, de Pearl Buck.

Totalizando e ordenando as requisições, obtem-se a seguinte lista :

Contos
Ivanhoé
Nasceu uma princesinha
Quo Vadis?
Terra Bendita
A 25.ª Hora
Noites de Vigilia
O Homem, esse desconhecido
A pequena princesa
A Cidadela
O crime do Padre Amaro
As mil e uma noites

O pequeno heroi
O Corcundinha
A Mãe
As Pupilas do Sr. Reitor
A Psicologia do Adolescente
A Serva
O Traquinas
O teu coração não engana
Filha de Príncipe
Um Segredo Ardente
O grande Segredo
Aventuras da Carochinha Japonesa

GRÁFICO DOS DESVIOS POR IDADES INDEPENDENTE DA FREQUÊNCIA



Todavia, se estes foram os livros mais lidos, considerando a leitura por anos e alunos, houve, mais, os seguintes, que totalizaram o maior número de leituras, embora, em cada ano, inferiores aos acima citados:

<i>A Pousada do Anjo da Guarda</i> , da Condessa de Ségur	<i>A menina insuportável</i> , da Condessa de Ségur
<i>Os Desastres de Sofia</i> , da Condessa de Ségur	<i>Odisseia</i> , de João de Barros
<i>O General Dourakine</i> , da Condessa de Ségur	<i>Robinson Crusóé</i> , Daniel de Foe
<i>Memórias de um burro</i> , da Condessa de Ségur	<i>Vinte mil léguas submarinas</i> , de Júlio Verne
<i>David Cooperfield</i> , de C. Dickens	<i>Atletismo</i> , de Eduardo Soares e Salazar Carreira
	<i>Natação</i> , de Mário Simas

Como interpretar estes factos? Qual o significado destas leituras?

Responderemos transcrevendo as seguintes palavras de Álvaro Ribeiro, em «*Escola Formal*», pág. 148:

«O adolescente lê muito, e escolhe as suas leituras por um critério que, correspondendo primeiro ao instinto agressivo, vai sendo superado e sublimado até concluir por um apelo ao alimento espiritual. Os livros de aventuras, de viagens, de terras exóticas e de regiões fantásticas, vão propondo caminhos novos a uma nova curiosidade intelectual, que representa o desejo de uma vida diferente. O adolescente mostra-se impaciente de projectar a sua liberdade em mundos pressentidos, mas desconhecidos.»

É fácil de ver, pela variedade dos livros requisitados, a evolução das leituras do 1.º ao 7.º anos: dos *Contos* de Grimm, à *25.ª Hora* e a *O Homem, esse desconhecido*, revelando dois tipos de tendências na curiosidade mental.

Trabalho realizado pelas professoras D. Maria do Céu Carvalho Pires de Sousa Gomes e D. Maria Delta Caldeira de Meneses.

Educação física

Graças à dedicada cooperação da Professora de Educação Física, D. Maria Luíza Cerveira Torres Baptista, foi possível elaborar a tabela de *Avaliação Fisiológica*, cujos desvios foram traduzidos nos gráficos e na tabela, inseridos no presente volume:

A referida professora extraiu as seguintes conclusões:

Em Relação à Avaliação Fisiológica — Como se vê pelo gráfico as escalas não são nada favoráveis. A causa está em que as alunas do liceu nunca tiveram Educação Física nestes últimos 10 anos, e, como em tudo, a persistência na Educação

Física é que forma o bom ginásta e o bom atleta. Os índices na 2.^a mensuração com carácter de favorável têm origem na falta de saúde das alunas. Estiveram algumas doentes durante o ano e outras com dispensas periódicas, dadas pelo médico pela mesma razão — falta de saúde. Vê-se, no entanto, que as alunas melhoraram quase todas, muito embora não tivessem alcançado um índice de bom. É de notar que o intervalo da 1.^a mensuração à 2.^a é de, apenas, 6 meses. A 1.^a mensuração fez-se no ano lectivo de 1958 — princípio do 3.^o período, altura em que foi nomeada a professora de E. F. e, depois, só se tornou a fazer, outra, no ano de 1959.

Jornada de Saudade dos Antigos Estudantes do Liceu

Numa «Jornada de Saudade,» os antigos estudantes do Liceu Nacional «Diogo Cão» reuniram-se em Sá da Bandeira, de 10 a 16 de Agosto de 1959.

O programa foi assim elaborado:

Segunda-feira, 10, às 21,15 h. — No Cine-Teatro «Odeon», espectáculo académico dedicado pelos actuais aos antigos estudantes, com a apresentação de 2 quadros relâmpagos intitulados «Regresso ao Lar», do dr. Rui Coelho e «Um Sonho dos Diabos» (paródia), de César G. da Silveira. Haverá, ainda, fados e guitarradas, supresas, etc.

Terça-feira, 11, às 22 horas — baile no Ginásio do Liceu «Diogo Cão», oferecido pela Reitoria e alunos do Liceu aos antigos estudantes, durante o qual serão lidas as poesias premiadas nos «Jogos Florais» promovidos pelo Liceu.

Sexta-feira, 14, às 23,30 horas — Nas escadarias do Liceu: Serenata com a colaboração de actuais e antigos alunos.

Sábado, 15, às 22, horas — No ginásio do Liceu: Jantar de confraternização, sendo orador oficial o antigo aluno dr. Rui Ferreira Coelho. Ledor do auto em «Latão», Emílio Pedro Cochat; Chefe do Protocolo, Luís de Camões.

Domingo, 16, às 8,30 horas — Na Sé Catedral — Missa celebrada pelo sr. Bispo de Sá da Bandeira, D. Altino Ribeiro de Santana, sufragando as almas de professores e alunos falecidos, seguida de romagem ao cemitério velho, donde, após algumas palavras proferidas pelo ex-estudante César G. da Silveira, se procederá à trasladação, para o cemitério novo, dos restos mortais do que foi primeiro director da Escola Primária Superior «Artur de Paiva» e primeiro reitor do Liceu da Huíla, LUÍS SAMPAIO DE TORRES FEVEREIRO. Usará da palavra, no, cemitério novo, o antigo estudante dr. Emídio de Figueiredo Fernandes (Farrica). Às 11 horas — Visita e recepção ofi-

cial no Liceu Nacional «Diogo Cão», usando da palavra o Ex.^{mo} Reitor do Liceu, o aluno Albertino Miranda e o antigo estudante Saraiva de Oliveira. Durante a sessão solene far-se-á a distribuição dos prémios dos «Jogos Florais». Às 11,30 horas — No anfiteatro do Liceu: Descerramento da fotografia do antigo professor Luís Sampaio Torres de Fevereiro.»

Foi feita a convocatória dos antigos estudantes com o seguinte

DECRETO

Com um Grande Número

Eu, D. Caio Júlio César da Silveira IV, por graça de uns e chatice de outros, de novo investido de régias funções, ressurgido para decretar coisas de espantar mas de cumprir.

Com as Festas da II Confraternização às portas da Cidade, venho determinar o comportamento que todos os meus velhos e velhíssimos súbditos têm de adoptar no decorrer de tais históricas comemorações.

Obedecerão todos, absolutamente todos, ao seguinte DECÁLOGO:

1.^o — Se outrora ruidosos instrumentos tocaste ou fados cantaste, estica as cordas, afina o «gargalo» e apresta-te para tomar parte activa na serenata.

2.^o — Se outrora comeste e bebeste bem, põe-te imediatamente de quarentena que, aqui, te desferrarás dos severos regimes dietéticos a que o médico ou a tua mulher te submeteram.

3.^o — Se outrora dançaste, desenferruja já o «pernambuco» e vai tentando uns volteios de anca ou quadril, perna e pé; assim como quem não quer a coisa, experimenta o «Hulla Hoop». É permitido, com certas reservas, o alçar da perna, à Cão.

4.^o — Se outrora foste orador distinto, rebusca inspiração — olha, beba 1 litro por exemplo — que, aqui, «piarás», concerteza.

5.^o — Se outrora cabulaste, e mesmo assim conseguiste passar, enganando os mestres, acautela-te que ainda cá está o Dr. Mendonça para te pedir novas contas do teu saber.

6.^o — Se outrora foste «urso» deixa por agora, a «pele» em casa, porque quem não quer ser lobo...

7.^o — Se deixaste «calotes» d'outrora, lava o pé de meia e vem munido de umas coroas que os cobradores estão atentos.

8.^o — Se outrora tiveste namoro sério e fizeste promessas que não cumpriste, põe-te no seguro.

Por concessão especial e princípio de economia, este decálogo tem apenas 8 mandamentos. Mas determino desde já — (e ninguém se ria) — que se consideram 10, porque os 2 últimos... pensam-se mas não se escrevem.

MAIS DECRETO:

— Que advogados, médicos, engenheiros, funcionários, comerciantes, caixeiros e demais gente bem empregada, atestem as algibeiras e reduzem os depósitos bancários: que não venham para cá com choradeiras, com «forretices» — que só ficam mal a quem se preza — já que a divisa era a de sempre: «PRIMUM VIVERE DEINDE FILOSOFARE».

Que se não usem desculpas tolas e rotineiras, como figados arrazados ou estômagos escalavrados, porque a ordem é ter dinheiro... e saúde! Concluindo:

Ó MACONGINOS!

Com os olhos marejados de remelas com a voz acidulada pelo álcool. com

o peito inchado de dores saudosas, com o coração todo diastólico e sistólico, com as artérias a latejarem arterioescloroticamente, com os cabelos brancos que não são da «idade» com 2 calos teimosos e doridos a mordiscarem a paciência.

VOS DIGO SENTIDAMENTE: —

ÀS ARMAS! ÀS ARMAR!

Sobre a mesa.
sob o álcool
contra o jantar
Marchar, marchar...

CUMPRA-SE tão inteiramente como nele se diz.

Paços Reais, Bairro de Santo António, em Sá da Bandeira, Junho de 1959.

Sua Magestade Severissima e Chatiadíssima,

D. Caio Júlio César da Silveira IV

Do Jornal «A Huíla»; n.º 935, de 21-XIII-1959, extraímos a seguinte reportagem desta confraternização:

«Confraternização dos antigos estudantes do Liceu «Diogo Cão»

A segunda Festa de Confraternização dos antigos estudantes do Liceu «Diogo Cão» que teve lugar durante as Festas da Senhora do Monte deste ano, teve um carácter verdadeiramente fraternal, mitigando saudades, invocando recordações da mocidade estuante, revelando o sentimento de camaradagem que unia e continua unindo os antigos alunos do Liceu, e nele estabeleceu na Huíla uma psicologia que a tradição tem sabido manter através dos tempos tal como em Coimbra, ou em Leipsig, Oxford, Cambrige ou na Sorbonne. São tradições escolares que estabelecem carácter diferencial dos outros estabelecimentos de ensino e prestigiam professores e alunos. Em toda a Angola não existe outro estabelecimento escolar que mantenha as tradições de espírito e a graça, bom humor e certa personalidade intelectual, como o Liceu «Diogo Cão». Concorre para isso a benignidade do clima e a doçura de carácter da população de Sá da Bandeira.

Lamentamos que a falta de espaço não nos dê ensejo a permenorizar as Festas de Confraternização que uniram os antigos estudantes, hoje colocados na vida, mercê dos estudos aqui feitos. Médicos, advogados, engenheiros, licenciados em Farmácia, professores liceais, funcionários públicos, agrónomos, industriais, de tudo, e de todas as profissões em que o curso do Liceu foi a enxada que os pais lhes deram para poder cavar na vida um rumo feliz.

Os estudantes reuniram-se em várias festas e tiveram um baile no Ginásio, em que falou César da Silveira, lembrando partidas graciosas como a parodia à celebração da meia asa dos pilotos aviadores da Huíla. Foi o actual Dr. Júlio de Victória Pereira que celebrou, a cavalo num burro, a cerimónia da meia orelha. O caso deu bronca pois os meio-aviadores deram grande sorte e quizeram bater-lhe, mas o público, na praça da Colónia, matou-os com riso às gargalhadas. Outras partidas e graças foram contadas. O baile esteve animado e houve números de variedades tendo acabado eram seis horas da manhã.

Na noite seguinte houve serenata de fados, cantados, sobre as escadas do Liceu. Cantaram-se quadras sobre a vida da Liceu. Com professores e alunos, e apareceram boas vozes, lembrando Coimbra, pois aquilo eram fados coimbrãos.

A CEIA

O número mais interessante foi sem dúvida a Ceia de Confraternização. Estavam no vasto salão do Ginásio mais de 250 ex-alunos, e a pena foi que fal-

tassem muitos, a maioria, uns vivendo distantes em Angola ou Moçambique ou Timor ou na Metrópole, em cursos superiores, outros sendo funcionários e não tendo obtido licença para cá virem.

Havia uma mesa de honra, no topo do salão, e duas fileiras de mesas, de ponta a ponta. Na mesa de honra sentavam-se, da direita para a esquerda, os sr.^{es} Dr. Rhodes da Silva, professor do Liceu de Benguela, Joaquim Cabral, funcionário das Obras Públicas em Benguela, Emílio Simões de Abreu, Director Geral de Fazenda de Moçambique, Dr. Higino Vieira, professor do Diogo Cão, Manuel de Miranda, antigo professor do mesmo Liceu e da Escola Primária Superior, o mais antigo de todos ; o Dr. Falcão Machado, actual Reitor do L. Diogo Cão, Avelino Delgado, Director da Escola Industrial Artur de Paiva, Dr. Leandro de Mendonça, professor do Diogo Cão, Dr. Sócrates Dáskalos, antigo aluno e actual vice-Reitor do Liceu de Benguela, Dr. Vasco Homem de Gouveia e Sousa professor da Escola Industrial e chefe da Secção Cultural da Câmara Municipal, Tenente-Coronel Carlos de Victória Pereira, ex-aluno do curso de adultos de Inglês prático do Liceu Diogo Cão, e representante, como pai, de 6 ex-alunos que estão ausentes da Huíla, pois só ali estava o sétimo, o Eduardo. Ao centro da mesa sentara-se César da Silveira, o famigerado Rei do Maconge, que mostrou a sua satisfação por ver ali reunidos tantos dos antigos estudantes muitos dos quais seus camaradas, e disse que ia ser tornada histórica aquela Ceia com um Auto que seria lido pelo ex-aluno, sr. Cochat. Subindo a uma cadeira o sr. Emílio Pedro Cochat, Secretário do Governador do Distrito da Huíla, fez a leitura do Auto, escrito em latim macarrónico da escola do Palito Métrico, que fez as delicias de Coimbra antiga e que nós achámos sempre uma coisa obsoleta e enfadonha, com cheiro a velas de defunto, porque o latim é uma língua morta. A leitura deste Auto ainda nos lembrou a leitura do testamento dum milionário da Chibia, feita perante o cadáver deste, em sua casa, por um antigo notário administrador em frente dos parentes e do morto. Disse o ilustre notário : «Dás licenç as moribundo que leia o teu testamento ?» Fez-se um silêncio e o leitor prosseguiu. «Quem se cala, consente, vamos a isto !» E leu o testamento extenso dum homem rico e quase analfabeto que tinha 33 filhos nascidos no curral e oito mulheres ou mais.

E a leitura do testamento demorou uma enfadonha hora, e ninguém se riu. Com a leitura deste Auto também não vimos rir ninguém. A maioria dos ouvintes não percebeu o latinório mas estava tão religiosamente calada que parecia que estava *moribundo* como o defunto da Chibia.

Depois tomou a palavra, lendo uma sentida alocução de homenagem aos antigos camaradas e antigos professores, o sr. dr. Rui Coelho, médico e poeta de valor, e um dos mais robustos talentos da geração nova. Interrompeu o seu discurso para fazer a surpresa de oferecer em nome de todos os maconginos uma lembrança daquela festa. Era um grande embrulho contendo dois garraões desempalhados, e invertidos, boca com boca formando uma ampulheta para contar os anos ali passados no Liceu.

César da Silveira foi feliz agradecendo a dádiva dizendo que ela podia medir muitos milhares de litros de boas bebidas, podia medir os muitos anos de vida da tradição do Liceu, mas não podia medir a sua gratidão aos seus amigos por lhe terem dado tão affectuosa prenda.

Após isto foi cantado em coro o Hino do VIRA — Ó VIRA, bem entoado. sem fífias.

Deu uma certa categoria artística à Ceia. O Vira-ó-vira era a música que acompanhava um conviva a beber dum fôlego um copo de vinho. Quem se esquivava a isso ficava desclassificado como boémio. Era uma tradição *do Reino de Maconge*, de que havia ali ainda muitos súbditos carolas.

Pararam o Vira-ó-vira para obrigar o Dr. Mendonça das Forças, que foi buscar uma noite o badalo da Cabra lá ao alto da Torre da Universidade, e o escondeu para não haver aulas no dia seguinte. E o Dr. professor de físico-químicas e tido como uma fera, falou, invocando os seus 25 anos de professorado.

Tomou depois a palavra o sr. Emílio Simões de Abreu que foi Director de Fazenda de Macau, depois da Província de Angola, depois exerceu funções superiores no Ministério e é actualmente Director Geral de Fazenda de Moçambique, sendo um tratadista de direito fazendário sobre que tem escrito vários livros, além de ter sido o criador dos Beirais da I A S A, de que foi Provedor em Angola. Pessoa de marcada categoria no funcionalismo, suas palavras que lembraram os seus anos de estudante no Liceu da Huíla, foram muito apreciadas e aplaudidas.

O Reitor do Liceu, sr. Dr. Falcão Machado falou da simpatia que inspiram os alunos do Diogo Cão, Liceu a que ligou os seus sentimentos mais afectivos e que vê aumentados com esta festa de confraternização. Acabou por saudar professores e alunos antigos e modernos, fazendo a estes votos de que bem aproveitem os ensinamentos dos seus professores para se collocarem na vida como os antigos alunos que ali estão. Muito aplaudido pelas suas palavras de mestre e camarada de todos.

A certa altura dos discursos, um grupo de antigos alunos com uma capa de estudante a servir de bandeja, recolheram da assistência os donativos duma subscrição para se fazer no Cemitério novo uma campa para o primeiro Reitor do Liceu Diogo Cão, Torres Fevereiro, a quem foi resada na manhã seguinte uma missa de sufrágio, sendo transferidos os seus restos mortais para aquele cemitério, com grande acompanhamento de seus antigos alunos e outras pessoas.

Associação dos antigos estudantes

Uma Comissão composta dos snrs Emílio Simões de Abreu, Bernardino José de Nóbrega, Joaquim Duarte Cabral, Francisco Teixeira Venâncio Rodrigues, Nilo Pinto de Carvalho, Rhodes Nunes da Silva, Alvaro Bernardo Martins, Eurico Canduzeiro, Emílio Pedro Cochat e Antenor da Silva Carranca apresentou aos assistentes à Ceia a seguinte PROPOSTA:

«Nós abaixo assinados propomos a fundação da Associação dos Antigos Estudantes da Huíla e que seja hoje eleita a Comissão Organizadora.»

Esta proposta foi vivamente aprovada sendo nomeado Presidente da Comissão o Rei do Maconge, que escolherá os membros da Comissão e efectuará as deligências necessárias para a constituição da Associação.

Foi possível registar a presença dos antigos alunos seguintes:

Abel Barreto de Lara
Aires de Almeida Santos
Albérico de Freitas
Alberto Lucas de Freitas
Alberto Pereira da Silva
Alípio Pinheiro da Silva
Álvaro António Lopes
Álvaro Cardoso
Álvaro Espinha
Álvaro Bernardo Martins
Álvaro Miranda Dias
Amaro Pimenta
Américo Pereira
Anibal Guedes Pinto
Antenor da Silva Carranca
Antero Jaques Pena
António Bordalo Pereira
António Canduzeiro Vieira
António Correia Freitas

António José Pereira Figueiredo
António Lopes Novo
António Santos Apolo
Arlindo Manuel Marcelino Borges
Armando Tendinha Borges
Arménio Rocha Mangerição
Arnaldo Carqueijo
Artur Teles de Carvalho
Augusto Teixeira Júnior
Bernardino José de Nóbrega
Bernardino Nogueira
Camilo Nunes Rodrigues
Carlos Amaral
Carlos Carneiro
Carlos Gata
Carlos Oliveira Fontoura
Carlos Salaviza
Carlos Sanches
Carlos Santos

Casimiro Jorge	Jorge Pinto Alves Fernandes
Célio Espinha	José Alves
César Gonçalves da Silveira	José Baptista Júnior
Clementino Inácio Santos	José Costa Sousa
Daniel Gavino	José Figueiredo Fernandes
Eduardo Calças	José Gonçalves Coelho
Eduardo Victória Pereira	José Guimarães M. Pinto
Elídio Simões de Abreu	José Joaquim Diogo Branco
Emídio Figueiredo Fernandes (Farrica)	José Luís Quintão Fontes
Emílio Cochat	José Maria Vidigal
Emílio Simões de Abreu	José Pereira Roque
Estêvão dos Santos Espinha	Leonildo Varandas
Eugénio Miranda	Luís de Camões
Eurico Canduzeiro	Luís Gata
Eurico Oliveira Pais	Luís Nóbrega
Fernando Borges	Luís Teixeira Rodrigues
Fernando Cristão	Manuel Dias Monteiro
Fernando Hermenegildo	Manuel Marques Nogueira
Fernando Padrão	Manuel Salaviza
Fernando Ressurreição	Mário Alexandrino
Fernando Seabra	Mário Leitão
Fernando Vilares	Mário de Videira Cardoso
Firmino António Soares	Mário Rogério da Silva
Flávio Silva	Mário Saraiva de Oliveira
Francisco António Soares	Martinho Nóbrega
Francisco Teixeira Venâncio Rodrigues	Maurício Soares
Gabriel Miranda	Nilo Pinto de Carvalho
George Braz Pereira	Olavo Machado Godinho
Gilberto de Oliveira	Óscar Jacob Azancourt de Menezes
Helder Cabrita Gaspar	Pedro Rodrigues Garcês
Helder Fernandes	Renato Correia
Henrique Luis Antunes	Rhodes Nunes da Silva
Hermenegildo de Jesus Malva	Romeu Pedro Gomes
Hernani Santos Espinha	Rui Alexandrino
Homero Tavares Pedro	Rui Baptista
Honorato Vieira Almeida	Rui Brunido
Humberto Carvalho Silveira	Rui Coelho
Isildo Dias da Costa	Rui Rodrigue da Costa
Jaime Alexandrino	Serafim de Figueiredo Jorge
João Alfredo Neto	Serafim Gomes Teixeira
João A. Dias Mendes	Sérgio Monteiro
João Antunes da Cunha	Sócrates Daskalos
João Gizelo Simões de Abreu	Teófilo Soares Amaro
João Ribeiro da Silva	Tolstoi Moita
João Simões	Venâncio F. Jorge
Joaquim Duarte Cabral	Vivaldo Gomes Teixeira.
Joaquim Espinha	

O Júri dos Jogos Florais, constituído pelo Reitor do Liceu e pelos Ex.^{mos} Senhores Dr. Leandro Gomes de Mendonça, Emídio de Figueiredo Fernandes (Farrica), Rui Coelho e Vasco Coutinho, premiou as seguintes composições:

Soneto — menção honrosa ao soneto «Serenata», de *Isvaz* (António Alberto Sancho Trabulo);

Quadra — 1.^o prémio à de *Isabelita* (D. Maria da Conceição Teixeira de Sousa);

2.º prêmio à de *Isvaz* (António A. Sancho Trabulo)

Anedota. 1.º — prêmio à «Imposição da meia orelha» de *Chico Saudoso* (César Gonçalves da Silveira).

2.º — prêmio «O Vimaranes», de Da Montanha (Mário Saraiva de Oliveira).

Os prêmios foram atribuídos simbòlicamente, por não terem sido devidamente «materializados» pela Comissão Organizadora...

Como «prêmio de compensação» transcrevem-se a quadra que obteve o 1.º prêmio e o Soneto mais classificado.

Cantaste, em louvor à Chela,
«Malta» dos tempos d'outrora.
Com moças junto à janela,
Serenatas p'la rua fora. —

«SERENATA»

Palpita uma guitarra, na emoção
Dum fado ameno, suave, doce e lento
Enquanto sob o estrelado firmamento
Se ergue o triste cantar dum coração.

Serenata! Ao Luar uma canção
Sobe, paira nos ares por um momento
E depois, arrastada pelo vento
Desaparece, rumo à imensidão...

E os ecos da toada, já perdidos
Lá bem longe, nas ruelas da cidade
Lembram trovas de amor, longos gemidos.

Aureos tempos, alegre mocidade!
Anos dos sonhos longos, esquecidos
— Uma capa, um amor — Felicidade.

ISVAZ

Muitas entidades, oficiais e particulares, deram prestimoso auxílio a esta publicação e impossível se torna mencionar todas e patentear-lhes a nossa gratidão e reconhecimento.

Que nos desculpem, pois.

E não levem a mal que, só se refira o nome dum dedicado colaborador: o Ex^mº Sr. José Augusto Vieira, popular funcionário da Secretaria do Liceu.